

As Brincadeiras do Menino Nicolau

Goscinny e Sempé



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

As Brincadeiras do Menino Nicolau

Goscinny e Sempé



Ficha Técnica

Título original: *Les récrés du petit Nicolas*
Autor: Jean-Jacques Sempé, René Goscinny
Capa: Carlos Miranda
Tradução: Luísa Lobão Moniz
Revisão: Rui Augusto
ISBN: 9789722060899

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Éditions Denoël

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.pt
www.leya.com



O Alceste foi suspenso

Aconteceu uma coisa terrível na escola: o Alceste foi suspenso!

Tudo se passou durante o segundo recreio da manhã.

Estávamos todos a jogar à bala do caçador. Sabem como se joga? Aquele que tem a bala é o caçador; então, com a bala, ele tenta acertar num companheiro; este grita e fica a ser ele o caçador. É muito engraçado. Os únicos que não jogavam eram o Godofredo, que faltou; o Aniano, que fica sempre a estudar a lição durante o recreio, e o Alceste, que estava a comer a sua última fatia de pão com doce da manhã. O Alceste guarda sempre a maior fatia de pão para o segundo recreio, que é um pouco maior do que os outros. O caçador era o Eudes, o que é raro acontecer, porque, como ele é muito forte, tentamos sempre não acertar nele com a bala, porque quando é ele a caçar faz muitas patifarias. Então, o Eudes fez pontaria para o Clotário, que se atirou para o chão com as mãos na cabeça, e a bala passou-lhe por cima, e *zás!*, foi acertar nas costas do Alceste, que deixou cair no chão a fatia de pão com doce. O Alceste ficou furioso; ficou muito vermelho e começou a gritar; então o Caldo — o nosso vigilante — veio a correr para ver o que se passava; o que ele não viu foi a fatia de pão, e pôs-lhe um pé em cima. Escorregou e caiu. O Caldo ficou pasmado. Tinha o sapato cheio de doce. Foi terrível. O Alceste começou a sacudir os braços e a gritar:

— Bolas! C'os diabos! Não pode prestar atenção a onde põe os pés? Caramba!

O Alceste ficou furioso; realmente, não se deve fazer cenas com a comida, ainda por cima quando se trata da fatia de pão do segundo recreio. O Caldo não estava nada satisfeito.

— Olha-me bem nos olhos — disse ao Alceste. — O que é que disseste?

— Disse: bolas! C'os diabos, você não tem o direito de andar em cima das minhas fatias de pão! — gritou o Alceste.

Então, o Caldo pegou no Alceste por um braço e levou-o consigo. Fazia *chlep, chlep*, quando o Caldo andava, por causa do doce que tinha no pé.

E depois, o senhor Mouchabièrre tocou para o fim do intervalo. O senhor Mouchabièrre é um vigilante novo, ainda não tivemos tempo de descobrir uma alcunha divertida para ele. Entrámos na sala e o Alceste ainda não tinha voltado. A professora estava admirada.

— Mas onde está o Alceste? — perguntou-nos.

Íamos mesmo a responder-lhe, quando a porta da sala se abriu e entrou o

diretor com o Alceste e o Caldo.

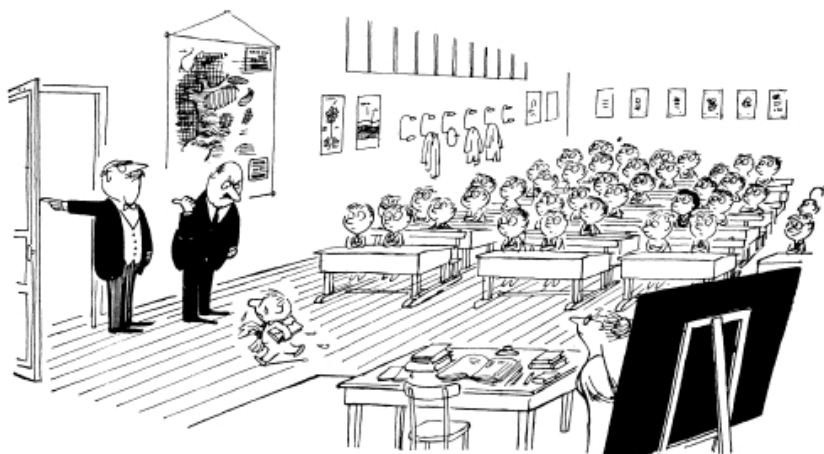
— Levantem-se! — disse a professora.

— Sentem-se! — disse o diretor.

O diretor não estava nada satisfeito, e o Caldo também não; o Alceste, com a cabeça gorda cheia de lágrimas, fungava.

— Meus meninos — disse o diretor —, o vosso colega foi de uma má-criação inqualificável com o Cal... com o senhor Dubon. Não há desculpas para esta falta de respeito para com um superior e mais velho. Por isso, o vosso colega vai ser suspenso. É claro que ele não pensou... claro que não... no desgosto que vai dar aos pais. E se de futuro não se emendar, vai acabar na prisão, que é o destino inevitável para todos os ignorantes. Que isto sirva de exemplo para todos!

Depois o diretor disse para o Alceste pegar nas suas coisas. O Alceste foi buscá-las a chorar e depois foi-se embora com o diretor e o Caldo.



Nós ficámos todos muito tristes. A professora também.

— Tentarei resolver este problema — prometeu-nos ela.

Como a professora pode ser boa, apesar de tudo!

Quando saímos da escola, vimos o Alceste, que estava à nossa espera na esquina da rua a comer um pãozinho com chocolate. Ele tinha um ar muito triste quando nos aproximámos dele.

— Ainda não foste a casa? — perguntei.

— Não — disse o Alceste —, mas tenho de ir, está na hora do almoço. Quando for contar isto ao meu pai e à minha mãe, aposto que eles não me vão deixar comer sobremesa. Ah! Que dia este!

O Alceste foi-se embora devagarinho, a arrastar os pés. Tivemos a sensação de que não lhe apetecia comer. Pobre Alceste, estávamos bem aborrecidos por causa dele.

Depois, à tarde, vimos chegar à escola a mãe do Alceste, que tinha um ar pouco satisfeito e que levava o Alceste pela mão. Entraram no gabinete do diretor e o Caldo entrou também.

E, um pouco mais tarde, estávamos na sala, quando o diretor entrou com o

Alceste, que fazia um grande sorriso.

— Levantem-se! — disse a professora.

— Sentem-se! — disse o diretor.

Depois, explicou-nos que tinha decidido dar uma nova oportunidade ao Alceste. Disse que o fazia pensando nos pais do nosso colega; que estavam muito tristes com a ideia de o seu filho correr o risco de ficar ignorante e de acabar na prisão.

— O vosso colega pediu desculpa ao senhor Dubon, que teve a bondade de a aceitar — disse o diretor. — Espero que o vosso colega esteja reconhecido por esta indulgência e que a lição tenha servido de exemplo; ele redimirá mais tarde, pela sua conduta, a grave falta que cometeu hoje. Não é verdade?

— Sim... é — respondeu o Alceste.

O diretor olhou para ele, abriu a boca, suspirou e saiu.

Nós ficámos muito contentes, começámos a falar todos ao mesmo tempo, mas a professora bateu com a régua na secretária e disse:

— Todos sentados. Alceste, volte para o seu lugar e tenha juízo. Clotário, vá ao quadro.

Quando tocou para o recreio, descemos todos, menos o Clotário, que foi castigado, como lhe acontece sempre que é chamado. No pátio, enquanto o Alceste comia a sua sandes de queijo, perguntávamos-lhe o que se tinha passado no gabinete do diretor, mas o Caldo apareceu.

— Vamos lá — disse ele —, deixem o vosso colega em paz; o incidente desta manhã passou, vão brincar! Vamos!

Pegou no Maixent pelo braço, e o Maixent deu um encontrão no Alceste, que deixou cair no chão a sua sandes de queijo.

Então, o Alceste olhou para o Caldo, ficou muito vermelho, começou a sacudir os braços e gritou:

— Bolas! C'os diabos! É incrível! Outra vez! Caramba, você é incorrigível!







O nariz do tio Eugénio

Foi o meu pai que me levou hoje à escola, depois do almoço. Eu, eu gosto muito quando o meu pai me leva, porque ele dá-me muitas vezes dinheiro para eu comprar coisas. E não falhou. Passámos na loja dos brinquedos e, na mostra, vi um nariz de cartão que se põe na cara para fazer rir os amigos.

— Papá — disse —, compra-me um nariz!

O papá disse que não, que eu não precisava de nenhum nariz, mas eu mostrei-lhe um grande, muito vermelho, e disse-lhe:

— Oh! Sim, papá! Compra-me aquele ali, parece o nariz do tio Eugénio!

O tio Eugénio é o irmão do papá; ele é gordo, conta mentiras e ri muito. Vêmo-lo poucas vezes, porque ele viaja para vender coisas muito longe, em Lyon, em Clermont-Ferrand e em Saint-Étienne. O papá começou a gracejar.

— É verdade — disse o papá —, parece o nariz do Eugénio em mais pequeno. Vou pô-lo na próxima vez que ele vier a nossa casa.

Depois entrámos na loja, comprámos o nariz, e eu pu-lo na minha cara; prende-se com um elástico; depois o papá pô-lo na sua cara e depois pôs a empregada; vimo-nos todos ao espelho e divertimo-nos imenso.

Podem dizer o que quiserem, mas o meu papá é muito engraçado!

Ao deixar-me à porta da escola, o papá disse-me:

— Sobretudo, tem juízo e faz por não ter problemas com o nariz do Eugénio.

Eu cá prometi e entrei na escola.

No pátio, vi os meus amigos e pus o nariz para lhes mostrar, e todos disseram coisas engraçadas.

— Parece o nariz da minha tia Clara — disse o Maixent.

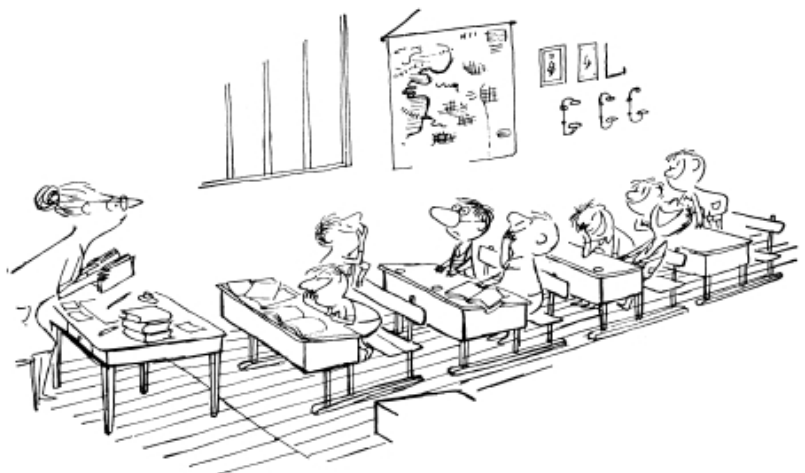
— Não — disse eu —, é o nariz do meu tio Eugénio, aquele que é explorador.



— Emprestas-me o nariz? — perguntou o Eudes.

— Não — respondi. Se queres um nariz, pede ao teu pai para te comprar um!

— Se não mo emprestas, dou um soco, no teu nariz! — disse-me o Eudes, que é muito forte, e *zás!*, acertou no nariz do tio Eugénio; então guardei-o na algibeira e dei um pontapé ao Eudes. Andávamos à pancada, com os nossos amigos a verem, quando apareceu o Caldo a correr. O Caldo é o nosso vigilante, um dia hei de contar-vos porque é que ele se chama assim.



— Então, o que se passa aqui? — perguntou o Caldo.

— É o Eudes — disse —, deu-me um soco no nariz e partiu-mo!

O Caldo abriu muito os olhos, baixou-se para me ver melhor, e disse-me:

— Deixa-me ver...

Então, eu tirei o nariz do tio Eugénio da algibeira e mostrei-lho. Não sei porquê, mas, ao ver o nariz do tio Eugénio, o Caldo ficou furioso.

— Olha-me bem nos olhos — disse o Caldo e levantou-se. — Não gosto que se riam de mim, meu menino. Quinta-feira vais ficar de castigo, percebes? Comecei a chorar; então o Godofredo disse:

— Não, ele não tem culpa!

O Caldo olhou para o Godofredo, sorriu-lhe e pôs-lhe a mão no ombro.

— É muito bonito, meu menino, dizeres a verdade para salvar um colega.

— Sim — disse o Godofredo —, ele não tem culpa; o culpado é o Eudes.

O Caldo ficou todo vermelho, abriu a boca várias vezes antes de conseguir falar e castigou o Eudes, o Godofredo e o Clotário, que se estavam a rir. E foi tocar a campainha.

Na sala, a professora começou a ensinar-nos histórias de quando a França estava cheia de gauleses. O Alceste, que estava sentado ao meu lado, perguntou-me se o nariz do tio Eugénio estava, na verdade, partido. Eu disse-lhe que não, que estava apenas um pouco achatado na ponta, e depois tirei-o da minha algibeira para ver se o podia arranjar. E o que é mais engraçado é que, ao empurrar com o dedo lá dentro, consegui dar-lhe a forma que ele tinha antes. Fiquei muito contente.

— Põe-no aqui, para eu ver — disse-me o Alceste.

Então pus-me debaixo da carteira e preendi-o no nariz; o Alceste olhou

para mim e disse-me:

— Tudo bem.

— Nicolau! Repita o que eu acabei de dizer! — gritava a professora, que me fez tremer.

Levantei-me muito depressa e tive vontade de chorar, porque eu não sabia o que a professora tinha dito e ela não gosta quando não a ouvimos.

A professora olhou para mim com os olhos muito abertos, como o Caldo.

— Mas... o que é que tem na cara? — perguntou-me.

— É o nariz que o meu pai me comprou! — expliquei-lhe a chorar. A professora ficou irritada e pôs-se a gritar, dizendo que não gostava de palhaços e que, se eu continuasse assim, seria suspenso da escola e que ficaria um ignorante e que seria a vergonha dos meus pais. E depois ela disse-me:

— Traga-me aqui esse nariz!

Então, eu fui a chorar, pus o nariz em cima da secretária da professora e ela disse que ficava com ele, e depois disse-me para eu conjugar a frase: «Não devo trazer narizes de cartão para a aula de História, para fazer de palhaço e distrair os meus colegas.»

Quando voltei para casa, a minha mãe olhou para mim e disse-me:

— O que é que tens, Nicolau? Estás tão pálido...

Então desatei a chorar, expliquei-lhe que o Caldo me tinha dado um castigo quando tirei da algibeira o nariz do tio Eugénio, e que o culpado foi o Eudes, que achatou a ponta do nariz do tio Eugénio, e que na aula a professora me tinha dado uma coisa para eu conjugar, por causa do nariz do tio Eugénio, e que ela tinha ficado com ele. A minha mãe olhou para mim, muito espantada, pôs-me a mão na testa, e disse-me para eu me ir deitar um bocadinho e descansar.

E quando o papá voltou do escritório, a mamã disse-lhe:

— Estava ansiosa que chegasses, estou muito preocupada. O miúdo voltou da escola muito nervoso. Se calhar é melhor chamar o médico.

— Está visto! — disse o papá. — Tinha a certeza, e, no entanto, eu preveni-o! Aposto que esse traquinas do Nicolau teve problemas com o nariz do tio Eugénio!

Então ficaram todos preocupados, porque a mamã se sentiu mal, e foi preciso chamar o médico.







O relógio

Ontem à tarde, quando voltei da escola, recebi, trazido pelo carteiro, um embrulho. Era um presente da vovó. Foi um presente fabuloso e ninguém adivinha o que foi: um relógio de pulso! A minha vovó e o meu relógio são muito engraçados, e os meus amigos vão fazer trinta por uma linha. O papá não estava em casa, porque, nessa noite, tinha um jantar do escritório, e a mamã ensinou-me como se fazia para dar corda ao relógio e pôs-mo no pulso. Felizmente que eu sei ver as horas muito bem; já não é como no ano passado, quando eu era pequeno, senão seria obrigado a perguntar às pessoas que horas são no meu relógio, o que não seria fácil. O que o meu relógio tinha de bestial era um grande ponteiro que andava mais depressa do que os outros dois, que não víamos mudar de lugar, a não ser que estivéssemos a olhar com muita atenção e durante muito tempo.



Perguntei à minha mãe para que é que servia o ponteiro grande, e ela disse-me que era muito prático para saber se os ovos quentes já estavam prontos.

É pena, que às 7h32, quando a mamã e eu fomos para a mesa, não houvesse ovos quentes. Eu comia a olhar para o relógio, e a mamã disse-me para eu me despachar, porque a sopa ia arrefecer; então, acabei a sopa enquanto o ponteiro grande dava duas voltas e um bocadinho. Às 7h51, a minha mãe trouxe o resto de um delicioso bolo que sobrou do almoço, e, quando nos levantámos, eram 7h58. A minha mãe deixou-me brincar um pouco mais; eu encostava o meu ouvido ao relógio para ouvir o tiquetaque, e depois, às 8h15, a mamã disse-me para eu me ir deitar. Estava tão contente como quando me deram uma caneta de tinta permanente que fazia borrões por todo o lado. Eu, eu queria ficar com o relógio no pulso durante a noite, mas a

minha mãe disse-me que não era aconselhável para o relógio, então pu-lo na mesinha de cabeceira, onde o pudesse ver bem, quando estivesse deitado ao lado, e a mamã apagou a luz às 8h38. E, então, aí foi bestial! É que os números e os ponteiros do meu relógio... é formidável!... brilhavam no escuro. Se eu quisesse fazer ovos quentes não precisava de acender a luz. Não tinha vontade de dormir, estava sempre a olhar para o meu relógio, e por isso ouvi abrir-se a porta de casa: era o meu papá que voltava.



Fiquei muito contente porque já lhe podia mostrar o presente da vovó! Levantei-me, pus o meu relógio no pulso e saí do meu quarto.

Vi o papá que subia as escadas na ponta dos pés.

— Papá! — gritei. — Olha o lindo relógio que a vovó me deu!

O papá ficou tão surpreendido que escorregou nas escadas.

— Chiu, Nicolau — disse-me —, vais acordar a tua mãe!

Acendeu-se a luz e vimos a mamã sair do quarto.

— A tua mãe está acordada — disse a minha mãe ao meu pai com um ar pouco satisfeito, e, depois, perguntou se eram horas de regressar de um jantar de negócios.

— Bem, sabes — disse o papá —, não é assim tão tarde.

— São 11h58 — disse eu, muito orgulhoso, porque eu gosto muito de ajudar o meu papá e a minha mamã.



— A tua mãe tem sempre ótimas ideias para presentes — disse o papá à mamã.

— É mesmo o momento oportuno para falar da minha mãe, sobretudo à frente do miúdo — respondeu a minha mãe, que não tinha ar de quem queria brincar, e depois disse-me para eu me ir deitar e dormir um grande soninho.

Voltei para o meu quarto, ouvi o meu pai conversar com a minha mãe

durante um bocadinho e comecei a dormir às 12h14.

Acordei às 5h07; estava a amanhecer e foi uma pena, porque os números do meu relógio já brilhavam menos. Eu cá não tinha pressa para me levantar, porque não havia escola, mas disse a mim mesmo que poderia ajudar o meu papá, que se lamenta que o patrão se está sempre a queixar porque ele chega tarde ao escritório. Esperei um pouco, e às 5h12 fui ao quarto dos meus pais e gritei:

— Papá, já é de dia! Vais chegar atrasado ao escritório!

O papá ficou com um ar muito espantado, mas foi menos perigoso do que nas escadas, uma vez que estava na cama e por isso não podia cair. Mas, no entanto, ele fez uma cara, como se tivesse caído. A minha mamã também acordou num instante.

— O que é que aconteceu? O que é que aconteceu? — perguntou ela.

— É o relógio — disse o papá —, parece que já é de dia.

— Sim — disse eu —, são 5h15 quase 16.

— Bravo — disse a mamã —, agora vai deitar-te, nós já estamos acordados.

Fui deitar-me, mas tive de lá ir outra vez três vezes, às 5h47, às 6h18 e às 7h02, para que o papá e a mamã se levantassem finalmente.

Estávamos sentados a tomar o pequeno-almoço e o papá gritou para a mamã:

— Despacha-te, se faz favor, querida, com o café. Vou chegar atrasado; já estou à espera há cinco minutos.

— Oito — disse eu, e, quando a mamã voltou, olhou para mim de uma maneira esquisita. Quando ela pôs o café nas chávenas, derramou um pouco na toalha de plástico, porque tremia com as mãos; oxalá não esteja doente.

— Venho almoçar à hora do costume — disse o papá —, serei pontual.

Perguntei à minha mãe o que queria dizer pontual, mas ela disse-me para eu não me preocupar e ir brincar lá para fora. Foi a primeira vez na minha vida que tive muita pena de não ter escola, porque eu queria que os meus amigos vissem o meu relógio. Na escola, o único que já tinha levado uma vez um relógio fora o Godofredo, que tinha o relógio do pai, um muito grande com uma tampa e uma corrente. O relógio do pai do Godofredo era muito engraçado, mas parece que o Godofredo não tinha licença de levar o relógio para a escola; teve imensos problemas e nós não tornámos a ver o relógio.



O Godofredo levou uma palmada tal — disse-nos — que era melhor não vermos mais o relógio, tão-pouco ele o devia ver.

Fui a casa do Alceste, um amigo meu que vive muito perto de mim, um rapaz que come muito. Eu sei que ele se levanta cedo porque leva muito tempo a tomar o pequeno-almoço.

— Alceste! — gritei defronte da casa dele — Alceste! Vem ver o que eu tenho aqui! — O Alceste saiu com um bolo na mão e outro na boca. — Tenho um relógio! — disse eu ao Alceste, levantando o braço até ao bolo que ele tinha na boca. O Alceste trocou um pouco os olhos, baixou-se e disse:

— Não é nada bonito!

— Trabalha bem, tem um ponteiro para os ovos quentes e brilha à noite — expliquei-lhe.

— E como é por dentro? — perguntou o Alceste.

Isso eu ainda não tinha pensado em ver.

— Espera — disse o Alceste, e entrou em casa a correr. Saiu de novo com outro bolo e um canivete. — Dá-me o relógio, vou abri-lo com o meu canivete. Eu sei como se faz, já abri o relógio do meu pai.

Dei o relógio ao Alceste, que começou a desmontá-lo com o canivete. Eu tive medo que ele me partisse o relógio; então, tentei tirá-lo à força. O canivete resvalou no dedo do Alceste. O Alceste gritou, o relógio abriu-se e caiu no chão às 9h10. Ainda eram 9h10 quando cheguei a casa a chorar. O relógio já não trabalhava. A minha mãe abraçou-me e disse-me que o meu papá iria arranjá-lo.

Quando o papá chegou para almoçar, a mamã deu-lhe o meu relógio. O papá rodou o botão, olhou para a minha mãe, olhou para o relógio, olhou para mim e depois disse-me:

— Ouve, Nicolau, este relógio já não tem conserto. Mas isso não é motivo para não te divertires com ele, bem pelo contrário: já não se estraga mais e ficará sempre bonito no teu pulso.

Ele tinha um ar tão satisfeito, a mamã tinha um ar tão satisfeito, que eu fiquei também satisfeito.

O meu relógio agora marca sempre 4 horas; é uma boa hora, é a hora dos pãezinhos com chocolate, e, à noite, os números continuam a brilhar.

É, na realidade, um presente muito engraçado, este presente da minha vovó!







Fizemos um jornal

Durante o recreio, o Maixent mostrou-nos o presente que a madrinha lhe tinha dado: uma imprensa. É uma caixa com um monte de letras de borracha, pomos as letras numa pinça e podemos fazer todas as palavras que quisermos. Depois carregamos num carimbo com muita tinta, como há nos correios, e depois num papel, e as palavras ficam escritas com letra de imprensa, como no jornal que o papá lê, e ele passa a vida a gritar com a mamã porque ela lhe tira as páginas onde vem a moda, os anúncios e as receitas. É muito engraçada a imprensa do Maixent!

O Maixent mostrou-nos o que já tinha feito com ela. Tirou da sua algibeira três folhas de papel onde tinha escrito «Maixent» montes de vezes e em todos os sentidos.

— É muito melhor do que quando se escreve com caneta — disse-nos o Maixent, e é bem verdade.

— Ei, rapazes, e se fizéssemos um jornal?



Foi uma ideia fantástica e estávamos todos de acordo, mesmo o Aniano, que é o menino querido da professora e

que normalmente não brinca connosco durante o recreio, porque fica a estudar a lição. É maluco, o Aniano!

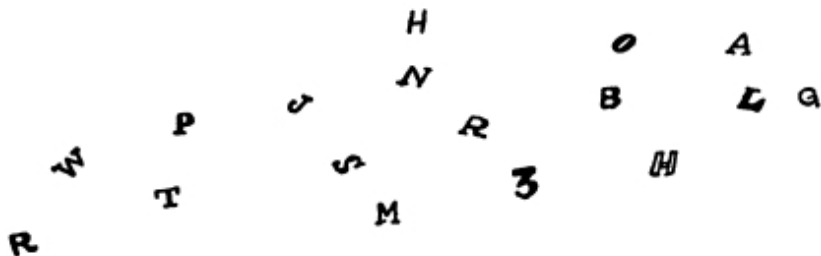
— E que nome lhe vamos dar? — perguntei.

Aqui não conseguimos estar de acordo. Havia quem quisesse chamar-lhe «O Terrível», outros «O Triunfante», outros ainda «O Magnífico» ou «O Sem-Medo». O Maixent queria que o nome fosse «Maixent» e zangou-se quando o Alceste disse que era um nome idiota, e que ele preferia que o jornal se chamasse «A Deliciosa», que é o nome da charcutaria que fica ao pé da casa dele. Decidimos que o título seria escolhido mais tarde.

— E o que é que vamos escrever para o jornal? — perguntou o Clotário.

— Bem, a mesma coisa que vem nos jornais verdadeiros — disse o Godofredo —, montes de notícias, fotografias, desenhos, histórias de ladrões e muitas mortes, e os valores da Bolsa.

Nós não sabíamos o que era isso dos valores da Bolsa. Então, o Godofredo explicou-nos que eram muitos números escritos em letras pequeninas e que era o que mais interessava ao pai dele. Não se pode acreditar no que diz o Godofredo: ele é muito mentiroso e diz tudo e mais alguma coisa.



— Quanto às fotografias — disse o Maixent — não as posso imprimir; a minha imprensa só tem letras.

— Mas podemos fazer desenhos — disse. — Eu, eu sei fazer um castelo com pessoas a atacar, com dirigíveis e aviões a bombardear.

— Eu, eu sei desenhar os mapas de França com todas as províncias — disse o Aniano.

— Eu, eu fiz um desenho da minha mãe quando ela estava a pôr os rolos no cabelo, mas ela rasgou-o. No entanto, o papá divertiu-se imenso quando o viu.

— Tudo isso é muito bonito — disse o Maixent —, mas se vocês puserem os vossos horríveis desenhos por todo o lado, não ficará espaço nenhum para imprimir coisas interessantes para o jornal.

Perguntei ao Maixent se queria levar uma chapada, mas o Joaquim disse que o Maixent tinha razão e que ele próprio tinha uma redação sobre a primavera, em que tinha tido 12 valores, e que seria muito engraçado imprimi-la, pois falava de flores e de pássaros que faziam piu-piu.

— Não penses que vamos utilizar as letras para imprimir os teus piu-pius, pois não? — perguntou o Rufus, e eles começaram a pancada.

— Eu — disse o Aniano —, eu poderia fazer problemas e pediríamos às pessoas para nos enviarem as soluções. Dar-lhes-íamos notas.

Começaram todos a gozar; então, o Aniano começou a chorar, e disse que eram todos maus, que estavam sempre a fazer troça dele e que ele ia fazer queixa à professora e que seriam todos castigados e que já não dizia mais nada e que era muito bem feito para todos nós.

Tivemos dificuldade em nos entendermos, com o Joaquim e o Rufus à pancada e o Aniano a chorar: não é fácil fazer um jornal com os amigos!

— Quando o jornal for impresso — perguntou o Eudes —, o que é que vamos fazer com ele?



— Que pergunta! — disse o Maixent. — Vamos vendê-lo! Os jornais são feitos para isso: vendem-se, ficamos muito ricos e depois podemos comprar montes de coisas.

— E vamos vendê-lo a quem? — perguntei eu.

— Bem — disse o Alceste —, às pessoas na rua. Corremos, gritamos: «Edição especial», e toda a gente dá dinheiro.

— Só teremos um único jornal — disse o Clotário —, por isso não faremos muito dinheiro.

— Bem, eu vou vendê-lo mais caro — disse o Alceste.

— Tu, porquê? Eu é que o vou vender — disse o Clotário. — Primeiro, tu, tu tens sempre os dedos sujos com gordura, e por isso vais encher o jornal de nódoas, e depois ninguém o quer comprar.

— Tu já vais ver se eu tenho as mãos cheias de gordura — disse o Alceste, e deu uma estalada na cara do Clotário. Eu fiquei muito espantado, porque, normalmente, o Alceste não gosta de andar à pancada durante o recreio: porque assim não pode comer. Mas ele não estava nada contente; o Alceste e o Rufus e o Joaquim foram empurrados para deixar lugar para o Alceste e o Clotário se baterem.

É mesmo verdade que o Alceste tem as mãos cheias de gordura. Quando o cumprimentamos, elas escorregam.

— Bem, então, está combinado — disse o Maixent —, o diretor do jornal sou eu.

— E porquê tu, não me dizes? — perguntou o Eudes.

— Porquê, porquê, porque a imprensa é minha! — disse o Maixent.

— Um momento — gritou o Rufus, que tinha chegado. — Fui eu que tive a ideia do jornal, o diretor sou eu!

— Com que então — disse o Joaquim —, tu deixas-me cair assim? Andávamos à pancada! Tu não és amigo!

— Já tiveste a tua conta — disse o Rufus, que sangrava do nariz.

— Não me faças rir — disse o Joaquim, que estava todo arranhado. E

recomeçaram outra vez à pancada ao pé do Alceste e do Clotário.

— Repete lá que eu tenho as mãos com gordura! — gritou o Alceste.

— Tens gordura nas mãos! Tens gordura nas mãos! Tens gordura nas mãos! — gritou o Clotário.

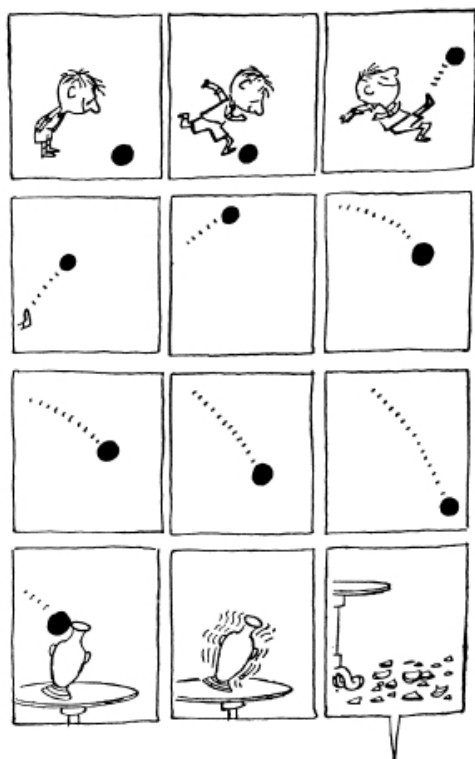
— Se não queres levar um murro no nariz — disse o Eudes —, fica a saber, Maixent, que o diretor sou eu.

— Pensas que eu tenho medo de ti? — perguntou o Maixent. Eu penso que ele tem medo, porque, ao falar, o Maixent dava pequenos passos para trás; então o Eudes empurrou-o e a imprensa caiu com as letras todas no chão. O Maixent ficou muito vermelho e atirou-se ao Eudes. Eu, eu tentei apanhar as letras, mas o Maixent pôs-me um pé em cima da mão; então, quando o Eudes me deixou um pouco de espaço, eu dei uma chapada no Maixent, e depois o Caldo (é o nosso vigilante, mas este não é o seu verdadeiro nome) veio para nos separar. Não achámos graça nenhuma, porque ele confiscou-nos a imprensa e disse-nos que éramos todos uns malandros; deu-nos um castigo, e foi tocar a campainha e foi levar o Aniano ao gabinete médico, porque ele estava doente. O Caldo ficou muito ocupado!

Já não vamos fazer o jornal. O Caldo não nos quer devolver a imprensa antes das férias grandes. *Bah!* De qualquer maneira, não teríamos nada para contar no jornal.

Connosco nunca se passa nada.







A jarra cor-de-rosa da sala

Estava em casa, a jogar à bola, quando, *bing!*, parti a jarra cor-de-rosa da sala.

A mamã veio a correr, e eu, eu desatei a chorar.

— Nicolau! — disse-me a mamã. — Sabes que é proibido jogar à bola dentro de casa! Olha o que fizeste: partiste a jarra cor-de-rosa da sala! O teu pai gostava muito dessa jarra. Quando ele voltar, vais confessar-lhe o que fizeste, ele vai castigar-te, e isso será uma boa lição para ti!

A mamã apanhou os bocados da jarra que estavam no tapete e foi para a cozinha. Eu, eu continuei a chorar; porque com o papá, a jarra não ia ficar assim.

O papá chegou do escritório, sentou-se numa poltrona, abriu o jornal e começou a ler. A mamã chamou-me da cozinha e disse-me:

— Então? Disseste ao papá o que fizeste?

— Eu... eu não lhe quero dizer! — expliquei e comecei a chorar ainda mais.

— Ah! Nicolau, sabes que não gosto nada disso — disse-me a mamã. — Na vida é preciso ter coragem. Tu já és crescido; vais até à sala e vais contar ao papá!

Sempre que me dizem que já sou crescido, tenho problemas, é o que é! Mas como a mamã não estava para brincadeiras, fui até à sala.

— Papá... — disse.

— Hum? — respondeu o papá, que continuou a ler o jornal.

— Parti a jarra cor-de-rosa da sala — disse eu muito depressa ao papá, e fiquei com um grande nó na garganta.

— Hum? — disse o papá. — Muito bem, meu querido, vai brincar.

Voltei para a cozinha muito contente, e a mamã perguntou-me:

— Falaste com o papá?

— Sim, mamã — respondi.

— E o que é que ele te disse? — perguntou a mamã.

— Ele disse-me que estava bem, meu querido, e que eu fosse brincar — respondi.

Isto não agradou à mamã.

— Isto não pode ser! — disse, e depois foi até à sala.

— Então — disse a mamã —, é assim que educas a criança?

O papá levantou a cabeça do jornal com um ar muito espantado.

— O que é que dizes?

— Ah, não, por favor, não te faças inocente — disse a mamã. — É claro que tu preferes ler tranquilamente o teu jornal, enquanto eu tenho de tratar da educação!



— Na verdade, gostaria — disse o papá — de ler o meu jornal tranquilamente, mas parece que é impossível nesta casa!

— Oh! Certamente, o senhor quer todas as comodidades! As pantufas, o jornal, e para mim é só trabalho! — gritou a

mamã. — E depois não te admires se o teu filho se tornar num malandro!

— Mas então — gritou o papá —, o que queres que eu faça? Que castigue o rapaz mal chego a casa?

— Tu ignoras as tuas responsabilidades — disse a mamã. — A tua família não te interessa para nada!

— Ah, é! — gritou o papá. — Eu, que trabalho como um escravo, que me privo de tanta coisa, para que não vos falte nada, a ti e ao Nicolau...

— Já te disse para não fales de dinheiro à frente da criança! — disse a mamã.

— Fico maluco nesta casa! — gritou o papá. — Mas isto vai mudar, ora se vai!

— A minha mãe bem me preveniu — disse a mamã. — Eu deveria tê-la escutado!

— Ah! A tua mãe! Já me tinha admirado como é que ela, a tua mãe, ainda não tinha entrado nesta conversa! — disse o papá.

— Deixa a minha mãe em paz! — gritou a mamã. — Proíbo-te de fales na minha mãe!

— Mas não fui eu que... — disse o papá, e tocaram à porta.

Era o Senhor Blédurt, o nosso vizinho.

— Vim ver se querias jogar uma partida de damas — disse ele ao papá.

— Veio mesmo a calhar, senhor Blédurt — disse a mamã. — Vai ser o juiz da situação! Não acha que um pai deve ter uma parte ativa na educação do seu filho?

— O que é que ele há de dizer? Ele não tem filhos! — disse o papá.

— Isso não é razão — disse a mamã. — Os dentistas nunca têm dores de

dentes, e isso não os impede de serem dentistas!

— E onde foste buscar essa história de que os dentistas nunca têm dores de dentes? — perguntou o papá. — Fazes-me rir! — E desatou a rir.

— Vê, vê, senhor Blédurt? Ri-se de mim! — gritou a mamã. — Em vez de tratar do filho, ainda goza! O que é que me diz, senhor Blédurt?

— Quanto ao jogo das damas — disse o senhor Blédurt —, não tem importância. Vou-me embora.

— Ah, não — disse a mamã. — Já que entrou nesta conversa, vai ficar até ao fim!

— De maneira nenhuma — disse o papá. — Este idiota que ninguém chamou não tem nada a fazer aqui! Ele que volte para a sua casinha!

— Oiça... — disse o senhor Blédurt.

— Oh! Vocês, os homens, são todos iguais! — disse a mamã. — Vocês entendem-se bem. E depois seria melhor que voltasse para casa, em vez de escutar à porta dos vizinhos!

— Muito bem, jogaremos às damas noutro dia — disse o senhor Blédurt. — Boa tarde. Adeus, Nicolau!

E o senhor Blédurt foi-se embora.

Eu, eu não gosto nada quando o papá e a mamã discutem; o que eu gosto é de quando eles se reconciliam. E foi mesmo assim, não falhou. A mamã começou a chorar, então o papá ficou com um ar embaraçado e disse:

— Então, então, então... — E depois abraçou a mamã e disse que tinha sido bruto, e a mamã disse que ela é que tinha a culpa, e o papá disse que não, que era ele quem tinha a culpa, e começaram a rir, abraçaram-se e abraçaram-me, e disseram-me que tudo aquilo era para rir, e a mamã foi fazer batatas fritas.

O jantar foi muito divertido, toda a gente sorria sem saber porquê, e depois o papá disse:



— Sabes, querida, penso que fomos um pouco injustos com o senhor Blédurt. Vou telefonar-lhe a convidá-lo para um café e para jogarmos às damas.

O senhor Blédurt, quando chegou, ficou um pouco desconfiado.

— Vocês não vão recomeçar a discutir, pois não? — disse, mas o papá e a mamã começaram a rir e cada um meteu-lhe o braço e levaram-no para a sala. O papá pôs o tabuleiro das damas em cima da mesa pequena, a mamã trouxe o café e eu, eu esquivei-me.

Então, o papá levantou a cabeça, ficou com um ar muito admirado e disse:

— E esta!... Onde está a jarra cor-de-rosa da sala?





Andamos à pancada no recreio

— **T**u és um mentiroso — disse eu ao Godofredo.

— Diz lá outra vez — respondeu-me o Godofredo.

— Tu és um mentiroso — repeti-lhe.

— Ah, sim? — perguntou-me ele.

— Sim — respondi-lhe, e a campainha tocou para o fim do recreio.

— Bem — disse o Godofredo, enquanto nós nos púnhamos em fila —, vamos andar à pancada no próximo recreio.

— Está bem — disse-lhe —, porque, para mim, não é preciso dizerem-me duas vezes esse tipo de coisas. Não é, não!

— Silêncio nas filas! — gritou o Caldo, que é o nosso vigilante; e com ele não se pode brincar.

Foi a aula de Geografia. O Alceste, que está sentado ao pé de mim, disse-me que me guardava o casaco enquanto eu estivesse a brigar com o Godofredo, e disse-me para eu lhe dar um soco no queixo, como fazem os pugilistas na televisão.

— Não — disse o Eudes, que está sentado atrás de nós. — É no nariz que se deve bater; bates-lhe no nariz, *bíng!*, e ganhas tu.

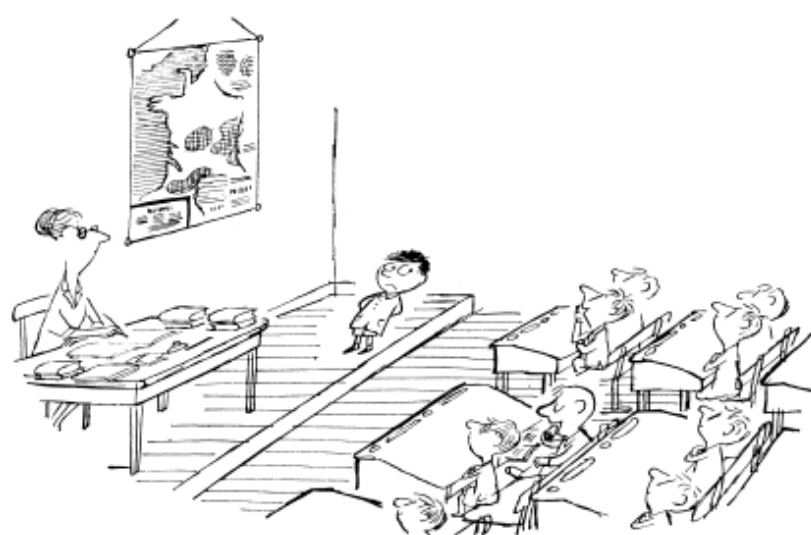
— Tu não sabes o que dizes — disse o Rufus, que está sentado ao lado do Eudes. — Com o Godofredo, o que resulta são as bofetadas.

— Já alguma vez viste os pugilistas à bofetada, palerma? — perguntou o Maixent, que está sentado não muito longe e que mandou um papel ao Joaquim porque queria saber o que se estava a passar, mas que, do lugar dele, não conseguia ouvir.

Mas o pior foi que quem recebeu o papel foi o Aniano, e o Aniano é o menino querido da professora, e levantou o dedo e disse:

— Professora, recebi um papel!

A professora abriu muito os olhos e pediu ao Aniano para lhe levar o papel, e o Aniano foi, muito orgulhoso. A professora leu o papel e disse:

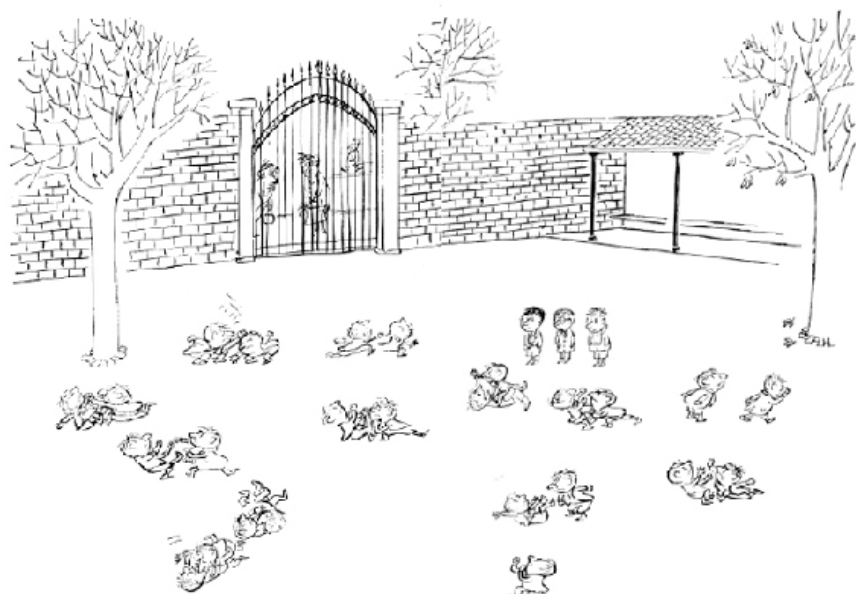




— Li aqui que dois de vocês vão andar à pancada durante o recreio. Não sei do que se trata nem quero saber. Mas previno-os de que perguntarei ao senhor Dubon, o vosso vigilante, depois do recreio, e os culpados serão severamente castigados. Alceste, vai ao quadro.

O Alceste foi interrogado sobre os rios, e isso não correu muito bem, porque os únicos que conhecia eram o Sena, que faz um montão de meandros, e o Nive, onde ele foi passar as férias no verão passado. Todos os colegas tinham um ar bastante impaciente pela hora do recreio e todos eles discutiam. A professora foi até obrigada a bater com a régua em cima da mesa, e o Clotário, que estava a dormir, pensou que era por causa dele e pôs-se logo de pé. Eu, eu estava chateado porque, se a professora me castigasse, ia haver muita conversa em casa, e quanto ao creme de chocolate à noite, ia ser péssimo. E depois, quem sabe? Talvez a professora me suspendesse, e isso seria terrível; a mamã vai ter muita pena, o papá irá dizer que, quando tinha a minha idade, era um exemplo para os seus colegas, que não valia a pena sacrificar-se tanto para me dar uma educação como deve ser, que eu ia acabar mal, e que eu não iria tão cedo ao cinema. Tinha um enorme nó na garganta e a campainha do recreio tocou e eu, eu olhei para o Godofredo e reparei que ele também não tinha nenhum ar apressado para o recreio.







Lá em baixo, todos os amigos estavam à nossa espera, e o Maixent disse:

— Vamos para o fundo do pátio; lá estaremos tranquilos.

O Godofredo e eu fomos atrás dos outros, e depois o Clotário disse ao Aniano:

— Ah! Não, tu não! Tu és um hipócrita!

— Eu, eu quero ver! — respondeu o Aniano, e depois disse que, se não pudesse ver, iria prevenir o Caldo e que assim ninguém podia andar à pancada, e era muito bem feito para todos.

— Bah! Deixem-no ver — disse o Rufus. — De qualquer maneira, o Godofredo e o Nicolau vão ser castigados; o Aniano vai dizer à professora, mais tarde ou mais cedo, por isso não importa.

— Castigados, castigados — disse o Godofredo. — Seremos castigados se andarmos à pancada. Pela última vez, Nicolau, retiras o que disseste?

— Ele não retira nada, caramba! — gritou o Alceste.

— Uau! — disse o Maixent.

— Bem, vamos lá a isso — disse o Eudes —, eu serei o árbitro.

— O árbitro? — perguntou o Rufus. — Fazes-me rir. Porque é que hás de ser tu o árbitro e não outro?

— Vamos lá depressa — disse o Joaquim —, não nos vamos atrapalhar com isso o recreio está quase a acabar.

— Desculpa — disse o Godofredo. — O árbitro é muito importante; eu não ando à pancada se não tiver um bom árbitro.

— Exatamente — disse eu. — O Godofredo tem razão.

— De acordo, de acordo — disse o Rufus. — Eu serei o árbitro.

Isto não agradou ao Eudes, que disse que o Rufus não sabia nada de boxe e pensava que os pugilistas davam bofetadas.

— As minhas bofetadas valem mais do que os teus murros no nariz — disse o Rufus, e, *paff*, deu uma estalada na cara do Eudes. O Eudes ficou muito irritado, nunca o tinha visto assim, e começou a bater no Rufus e queria acertar-lhe no nariz, mas o Rufus não parava quieto, e isso fazia com que o Eudes ficasse cada vez mais furioso, e ele gritava que o Rufus não era um bom companheiro.



— Parem! Parem! — gritava o Alceste. — O recreio está quase a acabar!

— Tu, ó gordo, já te ouvimos! — disse o Maixent.

Então, o Alceste pediu-me para lhe guardar o seu *croissant* e começou à pancada com o Maixent. E isso, isso espantou-me, porque o Alceste, normalmente, não gosta de pancadaria, principalmente quando está a comer um *croissant*. Acontece que a mãe dele obriga-o a tomar um medicamento para emagrecer, por isso, o Alceste não gosta que lhe chamem «gordo». Como eu estava distraído a ver o Alceste e o Maixent, não sei porque é que o Joaquim deu um pontapé ao Clotário, mas acho que foi porque o Clotário ganhou um montão de berlindes ao Joaquim, ontem.

Em todo o caso, andavam todos à pancada e era engraçado. Eu comecei a comer o *croissant* do Alceste e dei um bocadinho ao Godofredo. E, depois, o Caldo apareceu a correr, afastou toda a gente dizendo que era uma vergonha e que já íamos ver, e foi tocar a campainha.

— Ora vejam lá, o que é que eu tinha dito? — disse o Alceste. — O Godofredo e o Nicolau não tiveram tempo de andar à pancada.



Quando o Caldo contou à professora o que se tinha passado, ela ficou muito aborrecida e pôs toda a classe de castigo, menos o Aniano, o Godofredo e eu, e disse que nós éramos um exemplo para os outros, que eram uns pequenos selvagens.

— Tiveste sorte por a campainha ter tocado, porque eu queria mesmo andar à pancada contigo — disse o Godofredo.

— Não me faças rir, seu grande mentiroso — disse-lhe eu.

— Repete lá outra vez! — disse-me.

— Grande mentiroso! — repeti.

— Bom, no próximo recreio, vamos andar à pancada — disse-me o Godofredo.

— Está bem — respondi-lhe.

Porque, para mim, não é preciso dizerem-me duas vezes este tipo de coisas. Não é, não!





King

Decidimos com o Alceste, o Eudes, o Rufus e outros colegas ir à pesca.

Há um jardim onde costumamos ir brincar. No jardim há um lago muito engraçado. E no lago há girinos. Os girinos são as rãs; é na escola que nós aprendemos estas coisas. O Clotário não sabia, porque ele nunca está com atenção, mas nós, nós explicámos-lhe.

Em casa, arranjei um boião de doce vazio, e fui para o jardim, com muito cuidado para o guarda não me ver. O guarda do jardim tem um grande bigode, um bastão, um apito, como o papá do Rufus, que é agente da polícia, e ralha-nos muitas vezes, porque no jardim há um montão de coisas que são proibidas: não se pode andar em cima da erva, subir às árvores, arrancar flores, andar de bicicleta, jogar futebol, atirar papéis para o chão nem andar à pancada. Mas, mesmo assim, divertimo-nos à brava!



O Eudes, o Rufus e o Clotário já estavam ao pé do lago com os boiões. O Alceste foi o último a chegar; explicou-nos que não tinha encontrado um boião vazio e que tinha tido de esvaziar um. O Alceste ainda tinha a cara cheia de doce; estava muito contente. Como o guarda não estava lá, fomos logo pescar.

É muito difícil apanhar girinos. É preciso deitarmo-nos de barriga para baixo na borda do lago, mergulhar o boião na água e tentar apanhar os girinos que se mexem e não querem entrar nos boiões. O primeiro que conseguiu um girino foi o Clotário, e ficou todo orgulhoso, porque não está habituado a ser o primeiro em nada. E depois, no fim, todos conseguimos o nosso girino. Quer dizer, o Alceste não conseguiu apanhar nenhum, mas o Rufus, que é um pescador fabuloso, tinha dois no seu boião e deu o mais pequeno ao Alceste.

— E o que é que vamos fazer com os nossos girinos? — perguntou o Clotário.

— Bem, vamos levá-los para casa, vamos esperar que cresçam e que se

transformem em rãs, e vamos fazer corridas — respondeu o Rufus. — Vai ser muito giro!

— E depois — disse o Eudes —, é prático, as rãs sobem por uma pequena escada, e isso diz-nos o tempo que vai fazer para a corrida!

— E depois — disse o Alceste —, as pernas das rãs, com alho, são muito boas!

E o Alceste olhou para o seu girino lambendo os lábios.

Depois fomos embora a correr porque vimos o guarda do jardim a chegar. Na rua, a andar, vi o meu girino dentro do boião; era muito engraçado: mexia-se, e eu tinha a certeza de que ele ia ser uma rã fabulosa, que ia ganhar todas as corridas. Decidi chamar-lhe *King*; é o nome de um cavalo branco que eu vi na quinta-feira passada num filme de *cowboys*. Era um cavalo que corria muito depressa e que aparecia quando o *cowboy* assobiava. Eu, eu vou ensinar o meu girino a dar voltas, e, quando ele for uma rã, aparecerá quando eu assobiar.

Quando cheguei a casa, a mamã olhou para mim e começou a gritar:

— Mas olha para o estado em que te puseste? Tens lama por todo o lado, estás todo encharcado! O que é que andaste a fazer?



É verdade que eu não estava muito limpo, sobretudo porque me esqueci de dobrar as mangas da camisa quando meti as mãos no lago.

— E esse boião? — perguntou a mamã. — O que é que está aí dentro?

— É o *King* — respondi e mostrei-lhe o meu girino. — Ele vai transformar-se numa rã, ela aparecerá quando eu assobiar, vai-me dizer como está o tempo e vai ganhar as corridas!

A mamã franziu a testa.

— Que horror! Quantas vezes é preciso dizer-te para não trazeres porcarias para casa? — gritou a mamã.

— Não são porcarias está bem limpo, está sempre dentro de água, e eu vou ensinar-lhe a dar voltas! — disse.

— Está bem. Vai ao teu pai, vamos a ver o que ele diz! — disse a mamã.

E quando o papá viu o boião disse:

— Olha! É um girino. — E foi-se sentar numa poltrona a ler o jornal. A mamã ficou toda aborrecida.

— É só isso que tens para dizer? — perguntou ao papá. — Eu não quero que este menino traga para casa todos os bichos sujos que encontra!

— *Bah!* — disse o papá. — Um girino não chateia ninguém.

— Está bem, tudo bem, tudo bem! — disse a mamã. — Se eu não conto para nada, não falo mais. Mas previno-os, é o girino ou eu!

E a mamã foi para a cozinha.

O papá deu um grande suspiro e dobrou o jornal.

— Tenho a impressão de que não podemos escolher, Nicolau — disse-me.

— Vai ser preciso desembaraçares-te desse animalzinho.

Eu comecei a chorar, disse que não queria que fizessem mal ao *King* e que nós os dois já éramos muito amigos. O papá abraçou-me.



— Ouve, rapazinho — disse-me. — Tu sabes que este pequeno girino tem uma mamã rã. E a mamã rã deve ter muita pena de ter perdido o seu filho. A mamã não ficaria nada contente se te levassem num boião. Com as rãs é a mesma coisa. Então, sabes o que vamos fazer? Vamos sair os dois e levamos o girino para onde o tiraste, e depois, todos os domingos, vais visitá-lo. Quando voltarmos para casa, eu compro-te uma tablete de chocolate.

Eu refleti um pouco e disse que sim, que estava bem.

Então, o papá foi à cozinha e disse à mamã, na brincadeira, que tínhamos decidido ficar com ela e desembaraçar-nos do girino.

A mamã também riu, abraçou-me e disse que, de tarde, ia fazer um bolo. Eu fiquei todo consolado.

Quando chegámos ao jardim, levei o papá, que levava o boião, até à borda do lago.

— É ali — disse. Então, despedi-me do *King*, e o papá despejou no lago tudo o que estava no boião.

E depois voltámo-nos para irmos embora e vimos o guarda que saía de trás de uma árvore com os olhos muito abertos.

— Não sei se são vocês que são todos malucos ou se fui eu que fiquei

maluco — disse o guarda —, mas você é a sétima pessoa, incluindo um agente da polícia, que veio hoje despejar, neste mesmo sítio do lago, o que está dentro de um boião com água.





A máquina fotográfica

La mesmo a sair para a escola, quando o carteiro trouxe uma encomenda para mim, era um presente da vovó: uma máquina fotográfica! A minha vovó é a avó mais gentil do mundo!

— A tua mãe tem ideias malucas — disse o papá à mamã. — Não é presente para uma criança.

A mamã ficou aborrecida, disse que, para o papá, nada do que fazia a sua mãe (a minha vovó) lhe agradava, que não era maneira de falar em frente de uma criança, que era um presente maravilhoso. Eu perguntei se podia levar a minha máquina fotográfica para a escola, e a mamã disse que sim, mas que tivesse cuidado para não ma tirarem. O papá encolheu os ombros, e depois leu comigo as instruções e mostrou-me como se devia fazer. É muito fácil.

Na aula, mostrei a minha máquina fotográfica ao Alceste, que está sentado ao meu lado, e eu disse-lhe que no recreio tiraríamos montes de fotografias. Então, o Alceste voltou-se

para trás e disse ao Eudes e ao Rufus, que estão sentados atrás de nós. Eles avisaram o Godofredo, que mandou um pequeno papel ao Maixent, que o passou ao Joaquim, que acordou o Clotário, e a professora disse:



— Nicolau, repete o que acabei de dizer. — Então eu, eu levantei-me e comecei a chorar, porque não sabia o que a professora tinha dito. Enquanto

ela falava, eu tinha estado distraído a ver o Alceste pela janela pequenina da máquina.

— O que é que você está a esconder debaixo da sua carteira? — perguntou a professora. Quando a professora diz «você» é porque não está contente; então eu cá continuei a chorar, e a professora veio ao pé de mim, viu a máquina fotográfica, ficou com ela e depois disse-me que eu ia ter um zero.

— Está feito — disse o Alceste, e a professora deu-lhe também um zero e disse-lhe para ele parar de comer na sala de aula, e isso fez-me rir, porque era verdade, o Alceste está sempre a comer.

— Eu, eu sei repetir o que a professora disse — disse o Aniano, que é o melhor aluno da aula e o menino querido da professora, e a aula continuou. Quando tocou para o recreio, a professora deixou-me ficar para o fim e disse-me:

— Sabes, Nicolau, não quero que fiques triste, sei que o que tens ali é um belo presente. Assim, se prometeres ter juízo, não brincar nas aulas e estudar muito, tiro-te o zero e devolvo-te a máquina fotográfica.

Eu prometi sem hesitar; ela deu-me a máquina e disse-me para eu ir ter com os meus amigos ao pátio. É simples, a professora é boa, boa, boa.

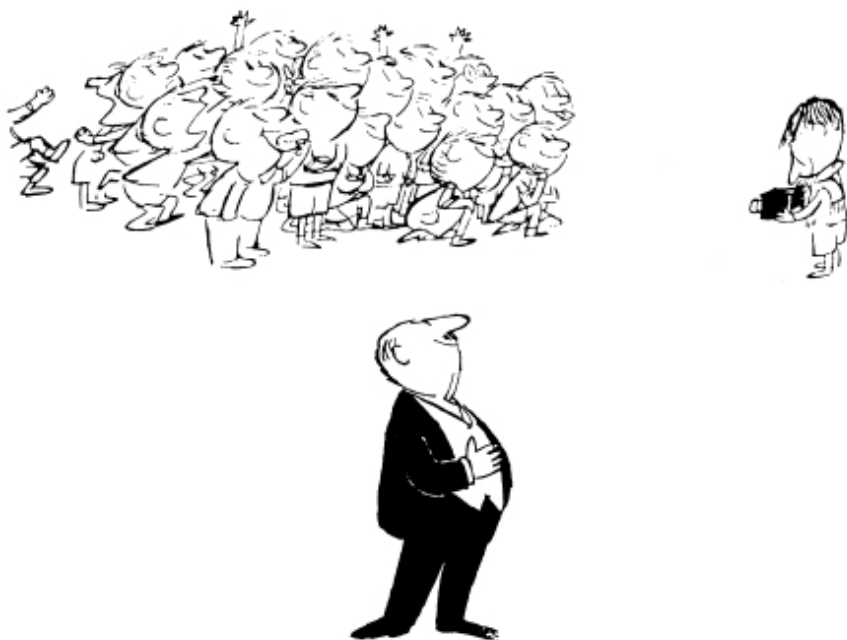
Quando cheguei ao pátio, os meus amigos rodearam-me.

— Pensávamos que não te íamos ver — disse o Alceste, que estava a comer um pequeno pão com manteiga.

— E ela deu-te a máquina fotográfica? — perguntou o Joaquim.

— Sim — disse eu. — Vamos tirar fotografias, ponham-se em grupo!

Então, os meus amigos puseram-se todos juntos à minha frente; até o Aniano veio para a fotografia.



O problema é que nas instruções diz que é preciso dar quatro passos, e eu tenho ainda as pernas pequenas. Então, foi o Maixent quem contou os passos por mim, porque ele tem umas pernas muito compridas, com os joelhos grandes e sujos, e depois foi ter com os outros. Eu olhei pela janela pequenina para ver se eles cabiam todos lá; a cabeça do Eudes não cabia, porque ele é muito grande, e metade do Aniano saía pelo lado direito. O que é pena é que a sandes tapava a cara do Alceste, mas ele não quis deixar de comer. Sorriram todos e, *clic!* tirei a fotografia. Vai ficar fabulosa!

— É bestial, a tua máquina! — disse o Eudes.

— *Bah!* — disse o Godofredo. — O meu pai comprou-me uma bem melhor, e com *flash!*

Começaram todos a rir, é verdade; o Godofredo tem sempre que dizer alguma coisa.

— E o que é que é um *flash*? — perguntei.

— Bom, é uma lâmpada que faz *pif!* como o fogo de artifício, e pode-se fotografar à noite — disse o Godofredo.

— És um mentiroso, é o que tu és! — disse eu.

— Vou-te dar uma bofetada — disse-me o Godofredo.

— Se quiseses, Nicolau, posso segurar na tua máquina fotográfica — disse o Alceste.

Então, eu dei-lhe a máquina e disse-lhe para ter cuidado; eu tinha medo, porque ele tinha os dedos cheios de manteiga e ela podia escorregar. Começámos à pancada, o Caldo — que é o nosso vigilante, e este não é o seu verdadeiro nome — chegou a correr e separou-nos.

— O que é que lhe aconteceu? — perguntou.

— É o Nicolau — explicou o Alceste —, e está à pancada com o Godofredo, porque a máquina fotográfica não tem fogo de artifício para a noite.

— Não fales com a boca cheia — disse o Caldo. — E que história é essa da máquina fotográfica?

Então, o Alceste deu-lhe a máquina, e o Caldo disse que tinha de a confiscar.



— Oh, não, senhor! Oh, não! — gritei.

— Bem — disse o Caldo —, não a levo. Olhem-me bem nos olhos: é preciso terem juízo e não andarem mais à pancada, está bem?

Eu, eu disse que sim, e depois perguntei se podia tirar uma fotografia.

O Caldo ficou muito surpreso.

— Quer tirar a minha fotografia? — perguntou-me.

— Oh, sim, senhor! — respondi.

Então, o Caldo fez um sorriso; quando ele sorri tem um ar muito gentil.

— Ei, ei — disse. — Ei, ei, bom, mas despacha-te, que eu tenho de ir tocar para o fim do recreio.

E, depois, o Caldo pôs-se muito quieto no meio do pátio, com uma mão na algibeira e a outra em cima da barriga, com um pé à frente e olhou para longe. O Maixent contou quatro passos, eu vi o Caldo na janela pequenina e ele estava giro. *Clic*, tirei a fotografia, e depois ele foi tocar a campainha.

À noite, em casa, quando o papá voltou do escritório, eu disse-lhe que queria tirar uma fotografia com a mamã.

— Ouve, Nicolau, eu estou cansado: afasta-me essa máquina e deixa-me ler o meu jornal.

— Não estás a ser nada razoável — disse-lhe a mamã. — Porque é que estás a contrariar a criança? Estas fotografias serão recordações maravilhosas para ele.

O papá deu um grande suspiro e pôs-se ao lado da mamã, e eu, eu tirei as últimas seis fotografias do rolo. A mamã abraçou-me e disse que eu era o seu fotógrafo.

No dia seguinte, o papá levou o rolo para revelar, como ele diz. É preciso esperar alguns dias para vermos as fotografias, e eu estava bastante impaciente. E depois, ontem à noite, o papá voltou com as fotografias.

— Não estão mal as fotografias da escola com os teus colegas e o bigodes... As que tiraste em casa estão muito escuras, mas são as mais engraçadas! — disse o papá.

A mamã veio vê-las e, ao mostrá-las, o papá disse:

— Diz lá, o teu filho não te desfavoreceu nada! — E o papá ria e a mamã pegou nas fotografias e disse que eram horas de irmos para a cama.

Eu cá o que não compreendo é porque é que a mamã mudou de opinião. Agora ela diz que o papá tinha razão e que não são brinquedos para se oferecerem a crianças.

E pôs a máquina fotográfica em cima do armário.







O futebol

Estava eu no campo abandonado com os meus amigos: o Eudes, o Godofredo, o Alceste, o Aniano, o Rufus, o Clotário, o Maixent e o Joaquim. Não sei se já vos falei dos meus amigos, mas sei que já vos falei do campo. É fabuloso; tem latas de conservas, pedras, gatos, bocados de madeira e um automóvel.

Um automóvel que não tem rodas, mas com o qual a gente se diverte à brava: fazemos *vrum, vrum*, brincamos aos autocarros, aos aviões; é bestial!

Mas, agora, não viemos aqui para brincar com o automóvel. Viemos para jogar futebol. O Alceste tem uma bola que nos vai emprestar, se for ele o guarda-redes, porque ele não gosta de correr. O Godofredo, que tem um papá muito rico, veio todo equipado, com uma camisola vermelha, branca e azul, calções brancos com uma risca vermelha, meias altas, caneleiras e uns sapatos incríveis com pregos nas solas. Como o Godofredo é, como diz o senhor da rádio, um jogador violento, os outros é que vão precisar de caneleiras. Principalmente por causa dos sapatos.

Decidimos como havíamos de formar a equipa. O Alceste seria o guarda-redes, como defesas teríamos o Eudes e o Aniano. Pelo Eudes ninguém passa, porque ele é muito forte e mete medo; ele é também muito violento! Pusemos lá o Aniano, porque ele não se chateia, e também porque não queremos empurrá-lo nem ir contra ele: ele usa óculos e chora por tudo e por nada. Os médios vão ser o Rufus, o Clotário e o Joaquim. Eles devem passar-nos a bola, a nós, os avançados. Quanto aos avançados, somos só três, porque não há colegas suficientes, mas nós somos bestiais: o Maixent tem umas grandes pernas com os joelhos sujos e corre muito depressa; eu dou pontapés incríveis, *bing!*; e o Godofredo tem as suas chuteiras.

Estávamos muito contentes por termos formado a equipa.

— Vamos? Vamos? — gritou o Maixent.

— Com licença! Com licença! — gritou o Joaquim.

Gozávamos todos à brava, quando o Godofredo disse:



— Ei! Vamos jogar contra quem? É preciso uma equipa adversária.

E era verdade, o Godofredo tinha razão: fizemos imensos passes com a bola; mesmo que não tivéssemos baliza para acertarmos, não era problema.

Eu propus que nos dividíssemos em duas equipas, mas o Clotário disse:

— Dividir a equipa? Nunca! É como quando brincamos aos *cowboys*, ninguém quer ser o adversário.

E depois chegaram os da outra escola: são todos uns brutos. Eles vêm muitas vezes para o campo e depois andamos à pancada porque nós dizemos que o campo é nosso, e eles dizem que é deles, e depois acontecem coisas. Mas agora ficamos muito contentes de os ver.

— Ei — disse eu —, querem jogar futebol connosco? Temos uma bola.

— Jogar com vocês? Não nos faças rir! — disse um rapaz magro com o cabelo vermelho, como o da tia Clarisse que ficou vermelho no mês passado, e a mamã explicou-me que tinha sido por causa da tinta que ela tinha posto no cabeleireiro.

— E porque é que te dá vontade de rir, meu palerma? — perguntou o Rufus.

— É a chapada que eu te vou dar que me dá vontade de rir! — respondeu o que tinha o cabelo vermelho.

— E depois, primeiro, porque o campo é nosso! — disse um rapaz grande com uns dentes saídos para fora.

O Aniano queria ir-se embora, mas nós não estávamos de acordo.

— Não, senhor, o campo é nosso! — disse o Clotário. — O que acontece é que vocês têm medo de jogar futebol connosco. Nós temos uma equipa fortíssima!



— Fra... quíssima — disse o rapaz grande com os dentes saídos, e eles começaram todos a rir, e eu também, porque era divertido; e depois o Eudes deu um murro no nariz do miúdo que não disse nada. Mas, como esse miúdo era irmão do rapaz grande com os dentes saídos, houve sarilho.

— Faz lá outra vez, só para eu ver — disse o grande, com os dentes saídos, para o Eudes.

— Não és um pouco maluco? — perguntou o miúdo que segurava no nariz, e o Godofredo deu um pontapé ao magro que tinha o cabelo como o da tia Clarisse.

Andámos todos à pancada, menos o Aniano, que chorava e gritava:

— Os meus óculos! Eu uso óculos!

Era muito engraçado, e depois chegou o papá.

— Os vossos gritos ouvem-se de casa, seus selvagenzinhos! — gritou o papá. — E tu, Nicolau, sabes que horas são?

E depois o papá pegou pelo colarinho num grandalhão com quem eu andava à chapada.

— Largue-me — gritava o grandalhão —, senão eu chamo o meu pai, que é cobrador de impostos, e digo-lhe para ele vos cobrar muitos impostos!

O papá deixou o grandalhão e disse:

— Bom, já chega! Já é tarde, os vossos pais devem estar preocupados. Além disso, porque é que andavam à luta? Não se podem divertir como deve ser?

— Andávamos à pancada porque eles têm medo de jogar futebol connosco! — disse eu.

— Nós, medo? Nós, medo? Nós, medo? — gritou o rapaz grande com os dentes saídos.

— Está bem! Se não têm medo, então porque é que não jogam? — disse o papá.

— É porque eles são fraquíssimos, pronto — disse o grandalhão.

— Fraquíssimos? Com uma linha de avançados como nós: o Maixent, eu e o Godofredo? — disse eu. — Fazes-me rir.

— O Godofredo? — perguntou o papá. — Eu acho que ele é melhor como defesa; não sei se ele será muito rápido.

— Um minuto — disse o Godofredo. — Eu tenho chuteiras e sou o que está mais bem equipado. Por isso...

— E o guarda-redes? — perguntou o papá.

Então, explicámos-lhe como tínhamos formado a equipa, e o papá disse que não estava mal, mas que precisávamos de treinar e que ele nos ia treinar, porque tinha sido quase internacional (fora médio-direito no patronato Chantecler). Teria sido internacional, se não se tivesse casado. Eu não sabia disto; o meu papá é formidável.

— Então, querem jogar com a minha equipa no próximo domingo? — perguntou o papá aos da outra escola. — Serei eu o árbitro.

— Não, eles não querem, eles são uns medricas — gritou o Maixent.

— Não, senhor, nós não somos medricas, concordamos com o domingo — respondeu o do cabelo vermelho. — Às três horas... Logo vamos ver!

E, depois, eles foram-se embora.

O papá ficou connosco e começou a treinar-nos. Pegou na bola e mandou-a para o Alceste. E depois ele foi para o lugar do Alceste, e foi o Alceste quem lha mandou. Então, o papá mostrou-nos como se deviam fazer os passes. Mandou a bola e disse:

— Para ti, Clotário! Um passe!

E a bola foi bater no Aniano, que perdeu os óculos e começou a chorar.

E depois chegou a mamã.

— Mas o que é que fazes aqui? — disse ela ao papá. — Mande-te procurar o rapaz, não te vejo regressar e o meu jantar está a arrefecer!

Então, o papá ficou muito vermelho, deu-me a mão e disse:

— Vamos, Nicolau, vamos para casa!

E todos os meus amigos disseram:

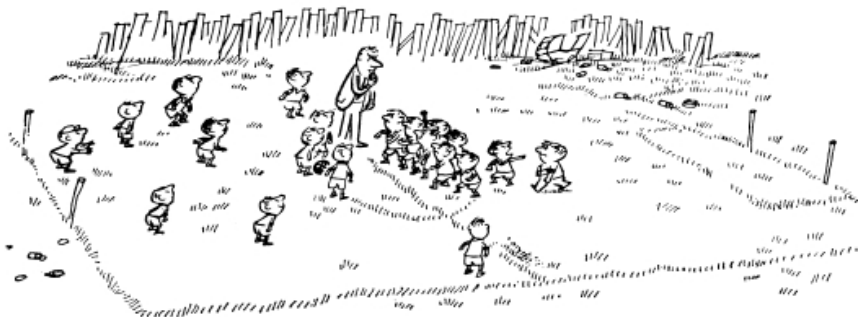
— Até domingo! Viva o papá do Nicolau!

À mesa, a mamã ria, e, para pedir o sal ao papá, disse:

— Faz-me um passe, Kopa!

As mamãs não percebem nada de desporto, mas não faz mal: no próximo domingo vai ser bestial!





1. Ontem à tarde, no campo, houve um jogo de futebol entre uma equipa da outra escola e a equipa treinada pelo pai do Nicolau. A formação desta última era: guarda-redes: o Alceste; defesas: o Eudes e o Clotário; médios: o Joaquim, o Rufus e o Aniano; interior-direito: o Nicolau; avançado-centro: o Godofredo; ponta-esquerda: o Maixent. O árbitro era o pai do Nicolau.



2. Como já viram, não havia ponta-direita, nem interior-esquerdo. A falta de efetivos fez com que o pai do Nicolau adotasse uma tática (a mais moderna em matéria de treinos) que consistia em jogar em contra-ataque. O Nicolau, cujo temperamento é como o de um Fontaine, e o Maixent, cuja ligeireza e sentido tático lembram Piantoni, deviam servir o Godofredo, cujas qualidades não fazem lembrar ninguém, mas que tem a vantagem de possuir um equipamento completo, o que é apreciável para um avançado-centro.



3. O desafio começou mais ou menos às 15h40m. Ao primeiro minuto, a seguir a uma confusão em frente das balizas, o ponta-esquerda disparou um tiro com uma tal força que o Alceste teve de dar um mergulho desesperado para evitar a bola que vinha mesmo direita a ele. Mas o golo foi anulado; o árbitro lembrou-se de que os capitães não tinham apertado a mão.



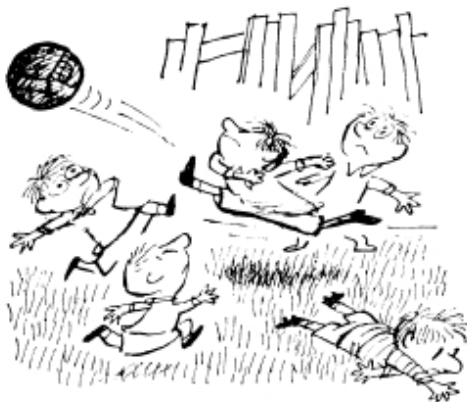
4. Aos cinco minutos, quando o jogo se desenrolava no meio-campo, um cão comeu a merenda do Alceste, que estava embrulhada em três folhas de papel e com três fios (não o Alceste, mas a merenda). Foi um golpe duro para a moral do guarda-redes (e todos sabemos como a moral é importante para um guarda-redes), que deixou entrar um primeiro golo aos sete minutos...



5. E um segundo golo aos oito... Aos nove minutos, o Eudes, o capitão, aconselhou o Alceste a jogar na ponta-esquerda; o Maixent substituíu-o à baliza. (O que, na nossa opinião, é um erro: o Alceste é, por temperamento, mais um médio de ataque do que um avançado com garra).



6. Aos catorze minutos, caiu um tal aguaceiro sobre o campo que a maior parte dos jogadores correu para se abrigar. O Nicolau ficou em campo contra um jogador adversário. Não marcaram nada durante esse tempo.



7. Aos vinte minutos, o Godofredo, na posição de médio-direito ou de interior-esquerdo (pouco importa), aliviou o seu meio-campo com um pontapé fortíssimo.



8. No mesmo minuto, o senhor Chapo ia visitar a avó, que estava engripada.



9. A pancada desequilibrou-o, e ele entrou pela casa dos Chadeffaut, com quem estava zangado há mais de vinte anos.



10. Ele apareceu no campo graças a um caminho que, provavelmente, só ele conhecia e apoderou-se da bola exatamente quando o jogo ia recomeçar.



11. Ao fim de cinco minutos de perplexidade (o que nos leva para os vinte e cinco minutos), o desafio recomeçou com uma lata de conserva a substituir a bola. Aos vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito minutos, o Alceste, graças às suas fintas, marcou três golos (é praticamente impossível tirar uma lata de conserva de ervilhas-extra pequenas — mesmo vazia — ao Alceste). A equipa do Nicolau ganhava por 3-2.



12. Aos trinta minutos, o senhor Chapo voltou com a bola. (A avó estava

melhor e ele estava com um excelente humor.) Como a lata de conserva já não servia para nada, deitaram-na fora.



13. Aos trinta e um minutos, o Nicolau ultrapassou a defesa contrária, passou para o Rufus em posição de interior-esquerdo (mas, como não havia interior-esquerdo, ele ficou na posição de avançado-centro), o Rufus passou ao Clotário, que, com um pontapé da esquerda, apanhou toda a gente desprevenida e acabou por ir bater mesmo no estômago do árbitro. Este explicou, com voz surda, aos dois capitães de equipa, que o tempo já estava a escurecer, ameaçando aguaceiro e o ar começava a ficar frio, e, por isso, seria melhor jogar o segundo tempo na próxima semana.



1. Durante toda a semana, os telefonemas entre o pai do Nicolau e os outros pais fizeram com que a equipa fosse sensivelmente modificada: o Eudes passava para interior-esquerdo e o Godofredo para defesa. À saída de uma reunião de pais, várias táticas foram afinadas. A principal consistia em marcar um golo nos primeiros minutos e em jogar à defesa; depois, aproveitar um contra-ataque e marcar outro golo. Se os miúdos seguissem à letra estas instruções, ganhariam o desafio por 5-2, uma vez que levavam já 3-2. Os pais (do Nicolau, dos seus amigos e dos da outra escola) eram muitos quando o desafio começou, às 16h03m, num ambiente de excitação.



2. Só se ouviam os pais no campo. O que enervava os jogadores. Durante os primeiros minutos, nada de importante se passou, a não ser um pontapé do Rufus nas costas do pai do Maixent e uma bofetada que o Clotário levou do pai, por ter falhado um passe. O Joaquim, que era neste momento o capitão (tinha sido decidido que todos os jogadores seriam capitães durante cinco minutos cada um), foi pedir ao árbitro para mandar evacuar o campo. O Clotário disse ainda que a bofetada o tinha magoado, e ele assim não podia ir para o seu posto. O pai ofereceu-se para o substituir. Os miúdos da

outra escola protestaram e disseram que assim também levavam os seus pais com eles.



3. Um murmúrio de contentamento percorreu os pais, que tiraram os sobretudos, casacos, cachecóis e chapéus. Invadiram o campo e disseram às crianças para terem cuidado e não se aproximarem muito, porque eles iam mostrar como se toca numa bola.



4. Desde os primeiros minutos deste desafio entre os pais dos amigos do Nicolau e os da outra escola, os filhos depressa perceberam como se joga futebol e...



5. ...decidiram, de comum acordo, ir para casa do Clotário ver «O Domingo Desportivo» na televisão.



6. O desafio desenrolava-se, de parte a parte, com todos a quererem dar grandes pontapés na bola, de forma a provarem que era possível marcar um golo, se o vento que soprava em todas as direções não fosse tão chato. Aos 16 minutos, um pai da outra escola deu um grande pontapé na direção de um pontapé ainda mais forte. A bola foi assim cair no meio de alguns caixotes, latas de conservas e de outro ferro-velho; e fez um barulho parecido com o de uma bola quando se esvazia, mas que continuou a saltar graças à mola que a atravessava de lado a lado. Depois de três minutos de discussão, foi decidido que o desafio continuaria; uma lata de conserva — porque não? — faria de bola.



7. Aos trinta e seis minutos, o pai do Rufus, na posição de defesa, cortou a lata de conserva, que vinha a rodar em direção do seu lábio superior. Como ele apanhou a lata com a mão, o árbitro (o irmão de um dos pais da outra escola, uma vez que o pai do Nicolau era interior, assinalou um penálti. Apesar dos protestos de alguns jogadores (o pai do Nicolau e todos os pais dos amigos do Nicolau), o penálti foi marcado, e o pai do Clotário, que era o guarda-redes, não conseguiu defender, apesar de um gesto de indignação. Os pais da outra escola empataram, pois, 3-3.

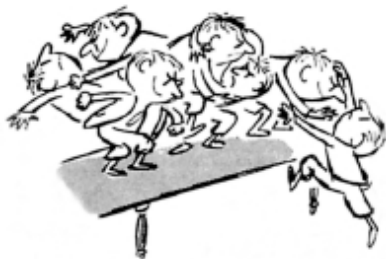


8. Faltavam poucos minutos para acabar o jogo. Os pais estavam inquietos quanto à receção que os filhos lhes reservariam se eles perdessem o desafio. O jogo, que até agora tinha sido mau, tornou-se péssimo. Os pais da outra escola jogavam à defesa. Alguns calcavam a lata com os pés para os outros não a apanharem. De repente, o pai do Rufus, que é agente da polícia, escapou-se. Fintando dois pais adversários, ele apresentou-se sozinho à frente da baliza, chutou e mandou a lata para dentro da rede. Os pais, do Nicolau e dos seus amigos, ganharam o desafio por 4-3.



9. Na fotografia da equipa vencedora, tirada depois do desafio, reconhecem-se: em pé, da esquerda para a direita, os pais do Maixent, do Rufus (o herói do desafio), do Eudes (ferido no olho esquerdo), do Godofredo e do Alceste. Sentados, os pais do Joaquim, do Clotário, do Nicolau (ferido no olho esquerdo quando chocou com o pai do Eudes) e do Aniano.





O museu da pintura

Hoje estou muito contente, porque a professora vai levar toda a classe ao museu, para vermos quadros. É muito divertido quando saímos, assim, todos juntos. É pena que a professora, que é tão gentil, não o queira fazer mais vezes.

Um autocarro vai levar-nos da escola para o museu. Como o autocarro não pôde parar à frente da escola, tivemos de atravessar a rua. Então, a professora disse-nos:

— Façam uma fila de dois e deem as mãos; e, sobretudo, tenham muito cuidado!

Eu, eu não gostei nada disso, porque estava ao lado do Alceste, um amigo meu que é muito grande e está sempre a comer e, por isso, não é muito agradável dar-lhe a mão. Eu gosto muito do Alceste, mas ele está sempre com as mãos engorduradas ou pegajosas, depende do que ele estiver a comer. Hoje, tive sorte; ele tinha as mãos secas.

— O que é que estás a comer, Alceste? — perguntei-lhe.

— Biscoitos secos — respondeu-me, atirando-me com imensas migalhas para a cara.

À frente, ao lado da professora, ia o Aniano. É o melhor da aula e o menino querido da professora. Nós não gostamos lá muito dele, mas não lhe batemos muito por causa dos óculos.

— Em frente, marche! — gritou o Aniano, e nós começámos a atravessar a rua, enquanto um agente da polícia mandava parar os carros para nós passarmos.

De repente, o Alceste largou a minha mão e disse que voltava já, que se tinha esquecido dos rebuçados na sala de aula. O Alceste começou a atravessar no outro sentido, pelo meio das filas, o que provocou uma pequena confusão.

— Aonde vais, Alceste? — gritou a professora. — Vem cá imediatamente!

— Sim, aonde é que vais, Alceste — disse o Aniano. — Vem cá imediatamente!

Ao Eudes não agradou nada o que o Aniano disse. O Eudes é muito grande e gosta muito de dar murros no nariz dos outros.

— Para que é que te metes, mariquinhas? Vou dar-te um murro no nariz

— disse o Eudes, avançando para o Aniano. O Aniano pôs-se atrás da professora, e ela disse que não devíamos bater-lhe, porque ele usava óculos. Então, o Eudes, que estava nas últimas filas, porque é muito grande, empurrou toda a gente; queria ir ter com o Aniano, tirar-lhe os óculos e dar-lhe um murro no nariz.

— Eudes, volte para o seu lugar! — gritou a professora.

— É isso, Eudes, volte para o seu lugar! — disse o Aniano.

— Eu não quero incomodá-la — disse o agente da polícia — mas já mandei parar os carros há um certo tempo; se tinha intenção de dar a aula na passagem de peões, devia-me ter dito, que eu tinha mandado passar os carros pela escola!

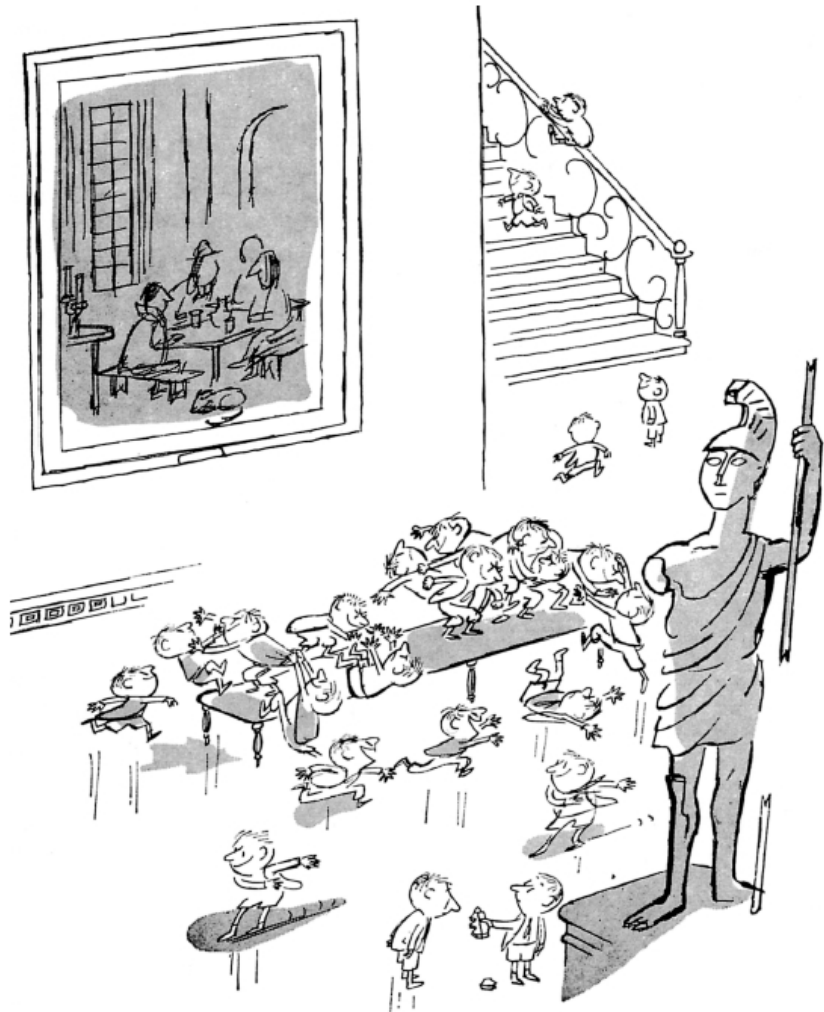
Nós gostámos imenso desta confusão, mas a professora ficou muito vermelha, e, da maneira como ela nos disse para subirmos para o autocarro, compreendemos que não era altura para brincadeiras. Obedecemos logo.

O autocarro arrancou e, atrás, o agente fazia sinais aos automóveis para passarem, e depois ouvimos algumas travagens e gritos. Era o Alceste que atravessava a rua a correr, com o pacote de rebuçados na mão.

Finalmente, o Alceste subiu para o autocarro e nós pudemos partir. Antes de virarmos a esquina da rua, vi o agente da polícia atirar o capacete branco para o chão, para o meio dos carros estampados.







Entrámos no museu, todos em fila, muito ajuizados, porque nós gostamos muito da nossa professora, e reparámos que ela estava muito nervosa, como a mamã quando o papá deixa cair a cinza do cigarro no tapete. Entrámos numa grande sala, com montes e montes de quadros pendurados nas paredes.

— Vão ver aqui quadros pintados pelos grandes mestres da escola flamenga — explicou a professora. E não pôde continuar durante muito mais tempo, porque chegou um guarda a correr e a gritar porque o Alceste tinha passado o dedo num quadro para ver se a tinta ainda estava fresca. O guarda disse que não se podia tocar e começou a discutir com o Alceste, que lhe dizia que se podia tocar, pois o quadro estava bem seco e, portanto, não havia o risco de sujar as mãos. A professora disse ao Alceste para ficar sossegado e prometeu ao guarda que nos ia vigiar. O guarda foi-se embora, abanando a cabeça.

Enquanto a professora continuava a explicar, nós escorregávamos; era divertido, porque o chão era de ladrilhos e escorregava muito. Estávamos

todos a brincar, menos a professora, que estava de costas e que explicava um quadro, e o Aniano, que estava ao lado dela e que ouvia e tomava notas. O Alceste também não brincava. Tinha parado à frente de um pequeno quadro onde se viam peixes, bifes e frutas. O Alceste olhava para o quadro e lambia os lábios.

Nós divertíamos-nos muito, e o Eudes era uma máquina a escorregar; ele escorregava quase ao longo de todo o comprimento da sala. Depois das escorregadelas, começámos uma partida de salto ao eixo, mas tivemos de parar, porque o Aniano voltou-se para trás e disse:

— Olhe, professora, eles estão a brincar!

O Eudes chateou-se e foi ter com o Aniano, que tinha tirado os óculos para os limpar e que não o viu aproximar-se. O Aniano não teve sorte: se não tivesse tirado os óculos, não tinha levado um murro no nariz.

O guarda apareceu e perguntou à professora se ela não pensava que era melhor irmo-nos embora. A professora disse que sim, que já chegava.

Íamos a sair do museu quando o Alceste se aproximou do guarda. Tinha debaixo do braço o pequeno quadro que o tinha encantado, com os peixes, os bifes e as frutas, e disse que o queria comprar. Queria saber quanto é que o guarda pedia por ele.

Quando saímos do museu, o Godofredo disse à professora que, uma vez que ela gostava de pintura, podia ir a casa dele, que o pai e a mãe tinham uma coleção engraçada de que toda a gente falava. A professora passou a mão pela cara e disse que não queria nunca mais ver um quadro na sua vida, e que nem sequer queria que lhe falassem de quadros. Compreendi, então, porque é que a professora não tinha ar de estar muito satisfeita com o dia passado no museu com a classe. No fundo, ela não gosta de pintura.







O desfile

Vamos inaugurar uma estátua no bairro da escola, e vamos desfilar.

Foi o que nos disse, esta manhã, o diretor quando estive na nossa sala, e todos nos pusemos de pé, menos o Clotário, que estava a dormir e que foi castigado. O Clotário ficou muito admirado quando o acordaram para lhe dizerem que ele ficava de castigo na quinta-feira. Ele começou a chorar, e por isso fazia barulho; é, eu penso que devíamos tê-lo deixado continuar a dormir.

— Meus meninos — disse o diretor —, para esta cerimónia virão representantes do Governo, uma companhia de infantaria prestará as honras militares, e os alunos desta escola terão o grande privilégio de desfilar em frente da estátua e de colocar uma coroa. Eu conto convosco e espero que se portem como homenzinhos. — E, depois, o diretor explicou-nos que os grandes iriam já fazer o ensaio para o desfile, e nós logo a seguir a eles, no fim da manhã. Como no fim da manhã é a hora da Gramática, achámos todos que a ideia do desfile era divertida e ficámos muito contentes.

Quando o diretor saiu, desatámos todos a falar ao mesmo tempo, e a professora bateu com a régua na secretária, e fomos estudar Aritmética.

Quando chegou a hora da Gramática, a professora mandou-nos descer para o pátio; o diretor e o Caldo estavam à nossa espera. O Caldo é o vigilante; chamamos-lhe assim porque ele está sempre a dizer: «Olhem-me bem nos olhos», e no caldo há olhos, mas eu penso que já vos expliquei isto uma vez.

— Ah! — disse o diretor. — Eis os seus homens, senhor Dubon. Espero que tenha com eles o mesmo êxito que teve há bocado com os mais velhos.

O senhor Dubon, é assim que o diretor chama ao Caldo, começou a rir, e disse que tinha sido suboficial e que nos ia ensinar a disciplina e a marchar a passo.

— No final, nem os conhecerá, senhor diretor — disse o Caldo.

— Oxalá seja verdade — respondeu o diretor, que deu um grande suspiro e foi-se embora.

— Bom — disse-nos o Caldo —, para formar o desfile é preciso um homem na frente. O homem da frente fica em sentido, e toda a gente se alinha por ele. Normalmente, escolhe-se o mais alto. Compreenderam? — E depois olhou e apontou para o Maixent: — Você, você vai ser o homem da frente.

Então, o Eudes disse:

— Mas não, ele não é o mais alto, parece ser porque tem umas grandes pernas, mas eu sou maior do que ele.

— Estás a brincar — disse o Maixent. — Não só sou maior do que tu,

como a minha tia Alberta, que veio ontem visitar-nos, disse que eu estava mais crescido. Eu estou sempre a crescer.

— Queres comparar? — perguntou o Eudes, e, como o Maixent estava inquieto, puseram-se costas com costas, mas nunca se chegou a saber quem tinha ganho, porque o Caldo pôs-se a gritar e a dizer para nos pormos em fila de três, de qualquer maneira, o que levou pouco tempo. E depois, quando já estávamos em fila, o Caldo pôs-se à nossa frente, fechou um olho, fez gestos com a mão e disse:

— Você! Um pouco para a esquerda! O Nicolau para a direita, está muito para a esquerda! Você! Você também está desalinhado!

Então começámos a rir por causa do Alceste; ele é muito gordo e desalinhava pelos dois lados. Quando o Caldo terminou, tinha um ar muito satisfeito, esfregou as mãos, e depois voltou-se de costas e gritou:

— Secção! Às minhas ordens...

— O que é uma coroa, senhor? — perguntou o Rufus. — O diretor disse que íamos pôr uma à frente da estátua.

— É um ramo — disse o Aniano. O Aniano é maluco, pensa que pode dizer tudo, porque é o melhor da aula e o menino querido da professora.

— Silêncio nas fileiras! — gritou o Caldo. — Secção, à minha ordem, marchem...



— Senhor! — gritou o Maixent. — O Eudes pôs-se nas pontas dos pés para parecer mais alto do que eu. Ele fez batota!

— Hipócrita — disse o Eudes, e deu um murro no nariz do Maixent, que deu um pontapé no Eudes, e puseram-se todos à volta deles para verem, porque quando o Eudes e o Maixent andam à pancada são terríveis, são os melhores da sala, no recreio. O Caldo chegou aos gritos, separou o Eudes e o Maixent e deu-lhes um castigo.

— Isto é um ramo! — disse o Maixent.

— É uma coroa, como diz o Aniano — disse o Clotário, e pôs-se a rir, e o Caldo deu-lhe um castigo para quinta-feira. É certo que o Caldo não podia saber que ele já tinha um castigo para esse dia.

O Caldo passou a mão pela cara e depois pôs-nos outra vez em fila, o que não foi muito fácil, porque nós estávamos sempre a mudar de lugar. E depois o Caldo olhou para nós durante muito tempo, mesmo muito tempo, e nós percebemos que não era altura de fazer macaquices. O Caldo recuou e marchou até ao Joaquim, que ficou atrás dele.

— Cuidado! — disse o Joaquim.

O Caldo ficou muito vermelho e gritou:

— De onde é que você saiu?

— Fui beber um copo de água enquanto o Maixent e o Eudes estavam à pancada. Pensei que eles iam demorar muito tempo — explicou o Joaquim, e o Caldo deu-lhe um castigo e disse para ele se ir meter na fila.

— Olhem-me bem nos olhos — disse o Caldo. — O primeiro que fizer um gesto, disser uma palavra ou se mexer, eu faço com que seja suspenso da escola! Compreenderam?

E depois o Caldo voltou-se, levantou um braço e gritou:

— Secção! Às minhas ordens! Em frente, marche!

Então, o Caldo deu uns passos, muito esticado, e depois olhou para trás, e quando reparou que nós estávamos sempre no mesmo lugar, tenho a impressão de que ele ficou maluco, como o senhor Blédurt, um vizinho meu, quando o papá o molhou com a mangueira por cima da sebe, no domingo passado.

— Porque é que não obedecem? — perguntou o Caldo.

— Mas — disse o Godofredo —, o senhor disse-nos para não nos mexermos.

Então, o Caldo ficou desorientado.

— Eu... eu ainda mato um de vocês! Dou-vos das boas! Seus selvagens! Seus cossacos! — gritou o Caldo, e muitos de nós começámos a chorar, e o diretor veio a correr.

— Senhor Dubon — disse o diretor —, estava no escritório e ouvi os seus gritos. Pensa que é assim que se fala com crianças? Já não está no exército.

— No exército? — gritou o Caldo. — Eu fui primeiro sargento de atiradores, e bem, na realidade, eram meninos de coro, esses atiradores, comparados com este bando! — E o Caldo foi-se embora fazendo imensos gestos, e o diretor foi atrás dele dizendo:

— Então, Dubon, meu amigo, então, tenha calma!

A inauguração da estátua foi muito engraçada, mas o diretor mudou de opinião e nós não desfilámos, ficámos sentados nas bancadas, atrás dos soldados. Foi pena que o Caldo não estivesse lá. Parece que foi passar quinze dias a Ardèche, em casa da família, para descansar.







Os escuteiros

Todos nós juntámos dinheiro para comprar uma prenda para a professora, porque amanhã vai ser o seu aniversário. Primeiro contámos o dinheiro. Foi o Aniano quem fez a adição, porque ele é o melhor em Aritmética. Ficámos todos contentes porque o Godofredo tinha trazido uma nota de 5000 escudos; foi o pai quem lha deu; o pai é muito rico e dá-lhe tudo o que ele quer.

— Temos 5207 escudos — disse-nos o Aniano. — Com este dinheiro vamos poder comprar um bom presente.

Mas, que chatice!, não sabíamos o que havíamos de comprar.

— E se fosse uma caixa de chocolates, ou um montão de pãezinhos com chocolate? — disse o Alceste, um rapaz gordo que está sempre a comer. Mas nós não estávamos de acordo, porque, se comprássemos alguma coisa boa para comer, íamos todos querer provar e não ficava nada para a professora.

— O meu pai comprou um casaco de peles para a minha mãe e ela ficou muito contente — disse-nos o Godofredo.

Se calhar é uma boa ideia, mas o Godofredo também nos disse que isso deveria custar mais do que 5207 escudos, porque a mãe ficou, deveras, muito, muito contente.

— E se comprássemos um livro? — perguntou o Aniano. O que nos fez rir; o Aniano é maluco!



— E uma caneta? — disse o Eudes; mas o Clotário ficou zangado. O Clotário é o pior da aula e disse que não gostava que a professora lhe desse más notas com uma caneta que ele tivesse pago.

— Perto da minha casa — disse o Rufus — há uma loja que tem muitos presentes para vender. Tem coisas bestiais; de certeza que encontraremos lá o que nos falta.

Isto foi uma boa ideia, e decidimos ir todos juntos à loja, depois das aulas.

Quando chegámos ao pé da loja, começámos a ver a montra; era formidável. Tinha montes de presentes bestiais: estátuas pequeninas, saladeiras de vidro, garrafas daquelas que nunca se usam em casa, montes de garfos e facas, e até relógios. O mais bonito de tudo eram as estátuas. Havia uma que era um senhor em calções que tentava domar dois cavalos muito irrequietos; uma outra era uma senhora que atirava ao arco; o arco não tinha fio, mas estava tão bem feito que parecia que o tinha. Esta estátua ficava bem ao pé da do leão com uma flecha nas costas e que arrastava as patas de trás. Havia também dois tigres, muito pretos, que davam grandes passadas, e escuteiros e cãesinhos e elefantes e um senhor, na loja, que nos observava com um ar desconfiado.

Quando entrámos na loja, o senhor veio até nós, fazendo imensos gestos com as mãos.

— Então, então, lá para fora! — disse-nos. — Aqui não é sítio para brincadeiras!

— Não viemos aqui para brincar — disse o Alceste. — Viemos comprar um presente.

— Um presente para a nossa professora — disse eu.

— Temos dinheiro — disse o Godofredo.

E o Aniano tirou da algibeira os 5207 escudos, e pô-los debaixo do nariz do senhor, que disse:

— Bem, está bem, mas não toquem em nada.

— Quanto é que isto custa? — perguntou o Clotário, e pôs os dois cavalos em cima da mesa do balcão.

— Cuidado! Larga isso! É muito frágil! — gritou o senhor, que tinha toda a razão para estar desconfiado, porque o Clotário é muito trapalhão e parte tudo. O Clotário ficou envergonhado e pôs a estátua no seu lugar, e o senhor foi mesmo a tempo de agarrar um elefante que o Clotário tinha empurrado com o cotovelo.

Vimos tudo, e o senhor, na loja, corria aos gritos:

— Não, não, não mexam! Isso parte-se!

Eu tinha pena dele. Deve ser horrível trabalhar numa loja onde tudo se pode partir. E depois o senhor pediu-nos para ficarmos todos ao pé uns dos outros no meio da loja, com os braços atrás das costas, e para lhe pedirmos o que quiséssemos comprar.

— O que é que podemos comprar de engraçado com 5207 escudos? — perguntou o Joaquim.

O senhor olhou à sua volta, e depois tirou de um aparador dois escuteiros pintados, pareciam verdadeiros. Nunca tinha visto nada tão bonito, nem mesmo na feira ou na barraca de tiro.

— Podem levar isto por 5000 escudos — disse o senhor.

— É menos do que estávamos a pensar gastar — disse o Aniano.

— Eu, eu gosto mais dos cavalos — disse o Clotário.

E o Clotário ia pôr os cavalos em cima do balcão, mas o senhor pegou neles antes dele e ficou com eles nas mãos.

— Bem — disse o senhor —, vocês levam os escuteiros ou não?

Como ele não tinha ar de quem queria brincar, nós dissemos que sim. O Aniano deu os 5000 escudos e fomos embora com os escuteiros.

Na rua começámos a discutir, para saber quem é que ia guardar o presente até amanhã para o darmos à professora.

— Sou eu — disse o Godofredo —, fui eu que dei mais dinheiro.

— Eu sou o melhor da aula — disse o Aniano. — Sou eu que vou dar o presente à professora.

— Tu és um mariquinhas — disse o Rufus.

O Aniano começou a chorar e a dizer que era muito infeliz, mas não se atirou para o chão, como costuma fazer, porque tinha os escuteiros na mão e não os queria partir. Enquanto o Rufus, o Eudes, o Godofredo e o Joaquim andavam à pancada, eu sugeri que jogássemos à cara ou coroa para escolhermos quem ia dar o presente. Pegámos logo nas moedas e perdemos duas na sargeta, e depois foi o Clotário quem ganhou. Ficámos muito aborrecidos porque, como o Clotário parte tudo, tínhamos medo de que o presente não chegasse até à professora. Demos os dois escuteiros ao Clotário,

e o Eudes disse-lhe que, se ele os partisse, dava-lhe montes de murros no nariz. O Clotário disse que ia ter cuidado, e foi para casa com o presente; ia a andar muito devagarinho e com a língua de fora. Nós, com os 207 escudos que sobraram, comprámos imensos pãezinhos com chocolate e ficámos sem fome para o jantar, e os nossos pais e as nossas mães pensaram que estávamos doentes.

No dia seguinte, chegámos à escola todos muito ansiosos, mas ficámos contentes quando vimos o Clotário com os escuteiros na mão.

— Não dormi nada esta noite — disse-nos o Clotário, porque estava com medo de que as estátuas caíssem de cima da mesinha de cabeceira.

Na aula, eu olhava para o Clotário, que vigiava o presente que estava debaixo da carteira. Eu estava muito ciumento porque, quando o Clotário desse o presente, a professora ia ficar muito contente e ia dar-lhe um abraço, e o Clotário ia ficar muito vermelho, porque a professora fica muito bonita quando está contente, quase tão bonita como a minha mamã.

— O que é que estás a esconder aí debaixo da tua carteira, Clotário? — perguntou a professora. E depois ela aproximou-se do lugar do Clotário, com um ar aborrecido. — Então, dá-me isso — disse a professora.

O Clotário deu-lhe o presente, a professora viu-o e disse:

— Já vos disse que não quero que tragam estas porcarias para a escola! Vou ficar com isto até o fim da aula, e tu vais ser castigado!

E depois, quando os fomos trocar, não o pudemos fazer, porque o Clotário escorregou à frente da loja e os escuteiros partiram-se.





ela não queria que isto servisse de pretexto para nos distrairmos.

— Bem — disse o Godofredo —, se calhar agora já não se pode falar com os amigos... — E a professora pô-lo de castigo contra a parede, e o Clotário começou a rir-se.

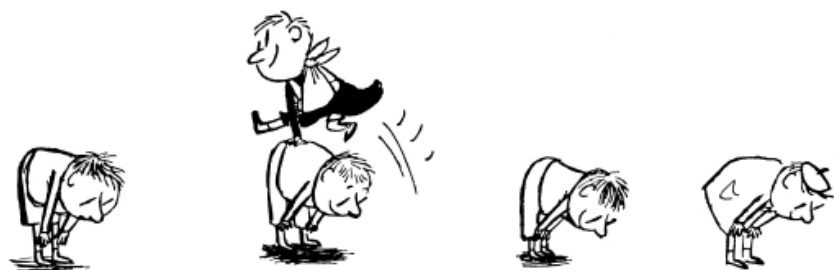
— Vamos fazer um ditado — disse a professora. Pegámos nos cadernos, e o Clotário tentou tirar o seu da pasta só com uma mão.

— Vou ajudar-te — disse o Joaquim, que estava sentado ao lado dele.

— Ninguém te pediu nada — respondeu o Clotário. A professora olhou para o Clotário e disse:

— Não, meu menino, tu não, de maneira nenhuma; descansa.

O Clotário deixou de procurar na pasta e fez uma cara triste, como se tivesse pena de não fazer o ditado. O ditado era difícil, com imensas palavras como «crisântemo», em que errámos todos, e «dicotiledóneo», e o único que escreveu bem foi o Aniano, que é o melhor da aula e o menino querido da professora. Sempre que aparecia uma palavra difícil, eu olhava para o Clotário e ele ria-se.



E depois tocou a campainha para o recreio. O Clotário foi o primeiro a levantar-se.

— Seria melhor — disse a professora — não ires para o pátio assim com o braço.

O Clotário fez a mesma cara de quando foi o ditado, mas mais aborrecida.

— O médico disse-me que eu devia apanhar ar — disse o Clotário —, senão isto pode agravar-se.

A professora disse que sim, mas que era preciso ter cuidado. E mandou sair primeiro o Clotário, para nós não o empurrarmos nas escadas. Antes de nos deixar descer para o pátio, a professora fez-nos montes de recomendações: disse-nos que devíamos ser prudentes e para não fazermos jogos violentos e que devíamos também proteger o Clotário para que ele não se magoasse. Com isto perdemos imenso tempo do recreio. Quando finalmente descemos para o pátio, fomos procurar o Clotário: ele estava a começar a jogar ao salto ao eixo com os alunos da outra sala, que são uns brutos e de quem nós não gostamos.

Pusemo-nos todos à volta do Clotário e fizemos-lhe montes de perguntas. O Clotário estava muito orgulhoso por estarmos muito interessados nele. Perguntámos se o pequeno camião estava partido. Ele disse-nos que sim, mas que lhe tinham dado imensos presentes para o consolar, enquanto esteve

doente: teve um barco à vela, um jogo de damas, dois automóveis, um comboio e montes de livros que ele ia trocar por outros brinquedos. E depois disse-nos que toda a gente tinha sido muito simpática com ele: o médico levava-lhe sempre chocolates, o pai e a mãe puseram a televisão no quarto dele e deram-lhe muitas coisas boas para ele comer. Quando falámos em comer, o Alceste, que é um amigo meu que está sempre a comer, ficou com fome. Tirou da algibeira um bom bocado de chocolate e começou a trincá-lo.



— Dás-me um bocadinho? — perguntou o Clotário.

— Não — respondeu o Alceste.

— Mas, e o meu braço?... — perguntou o Clotário, que começou a gritar, a dizer que se estavam a aproveitar dele porque ele tinha um braço partido e que não o tratariam assim se ele pudesse dar murros, como toda a gente. O Clotário gritava de tal maneira que o vigilante veio a correr.

— O que é que se passa aqui? — perguntou o vigilante.

— Ele aproveita-se porque eu tenho o braço partido — disse o Clotário, apontando para o Alceste.

O Alceste não ficou nada contente; tentou dizer-lhe, mas, como tinha a boca cheia, cuspiu chocolate por toda a parte e ninguém percebeu o que ele disse.

— Não tem vergonha? — disse o vigilante ao Alceste. — Aproveitar-se de um colega diminuído fisicamente? Já de castigo para a parede!

— É isso mesmo! — disse o Clotário.

— Então — disse o Alceste, que acabou por engolir o chocolate —, se ele parte um braço por causa das macaquices, eu é que tenho que lhe dar comida?

— É verdade — disse o Godofredo. — Sempre que falamos com ele, lá ficamos de castigo contra a parede; afinal, o braço só serve para nos chatear!

O vigilante olhou-nos com uma expressão muito triste e depois falou-nos com uma voz meiga, meiga como quando o papá explica à mamã porque tem de ir à reunião dos veteranos do seu regimento.

— Vocês não têm coração — disse-nos o vigilante. — Eu sei que ainda são muito novos, mas a vossa atitude faz-me muita pena. — O vigilante parou e depois gritou: — Todos de castigo contra a parede!

Ficámos todos de castigo, até o Aniano; é a primeira vez que ele fica de castigo, e, por isso, ele não sabia como havia de fazer, mas nós mostrámos-lhe como era. Ficámos todos de castigo, menos o Clotário, claro. O vigilante fez-

lhe uma festa na cabeça e perguntou-lhe se lhe doía o braço. O Clotário disse que sim, e bastante, e depois o vigilante foi ter com um grande que estava a bater noutro grande com um mais pequeno. O Clotário olhou para nós um bocadinho e riu-se, e depois foi continuar o seu jogo do salto ao eixo.

Quando cheguei a casa, não estava nada contente. O papá, que já tinha chegado, perguntou-me o que é que eu tinha. Então, gritei:

— Não é justo! Porque é que eu nunca parti um braço?

O papá olhou-me com uns olhos muito abertos e eu fui para o meu quarto amuado.







Fomos à enfermaria

Hoje de manhã não vamos à escola, mas não é nada divertido, porque temos de ir à enfermaria para nos examinarem, para verem se não estamos doentes e se não estamos malucos. Na sala, deram a cada um de nós um papel para levarmos aos nossos pais e às nossas mães, explicando que tínhamos de ir à enfermaria, com os nossos boletins de vacina, com as nossas mães e com as nossas cadernetas escolares. A professora disse-nos que nos iam dar um «teste». Um teste é quando nos pedem para fazer um desenho para verem se estamos malucos.

Quando eu cheguei à enfermaria com a minha mamã, o Rufus, o Godofredo, o Eudes e o Alceste já lá estavam, e eles não estavam a brincar. Devo dizer que, a mim, os consultórios sempre me meteram medo. É tudo branco e cheira a remédios. Os meus amigos estavam lá com as mães, menos o Godofredo, que tem um pai muito rico e que veio com o Alberto, o motorista do pai. E, depois, o Clotário, o Maixent, o Joaquim e o Aniano chegaram com as mães, e o Aniano fazia muito barulho a chorar. Uma senhora muito simpática, vestida de branco, chamou as mães e ficou com os boletins de vacinas, e disse que o médico já nos ia receber, para não nos impacientarmos. Nós não estávamos nada impacientes. As mães começaram a conversar umas com as outras e passavam as mãos nos nossos cabelos, dizendo que éramos muito pequenos. O motorista do Godofredo saiu para ir limpar o grande carro preto.



— O meu — dizia a mamã do Rufus —, o que eu passo com ele para o

fazer comer; ele é muito nervoso.

— Não é como o meu — disse a mamã do Alceste. — Ele fica nervoso é quando não come.

— Eu — dizia a mamã do Clotário — acho que eles trabalham muito na escola. É uma loucura; o meu não consegue acompanhar. No meu tempo...

— Oh! Eu não sei — disse a mamã do Aniano. — O meu, querida senhora, tem muita facilidade; depende das crianças, claro. Aniano, se não paras de chorar levas um açoite à frente de toda a gente.

— Talvez ele tenha facilidade — respondeu a mamã do Clotário —, mas parece que o pobrezinho não é lá muito equilibrado, não é?

A mamã do Aniano não gostou do que dissera a mamã do Clotário, mas, antes que ela pudesse responder, a senhora de branco apareceu e disse que íamos começar e para nos despiremos. Então, o Aniano ficou doente. A mamã do Aniano pôs-se a gritar, a mamã do Clotário começou a rir e o médico chegou.

— O que é que se passa? — perguntou o médico. — Estas manhãs de exames escolares são sempre pavorosas! Calma, meninos, senão, faço como os vossos professores: castigo-vos. Dispam-se, e depressa!

Despimo-nos e foi esquisito estarmos ali todos nus à frente de toda a gente. As mães olhavam para os outros, das outras mães, e todas elas faziam a cara que a minha mamã faz quando vai comprar peixe e diz ao vendedor que ele não está fresco.

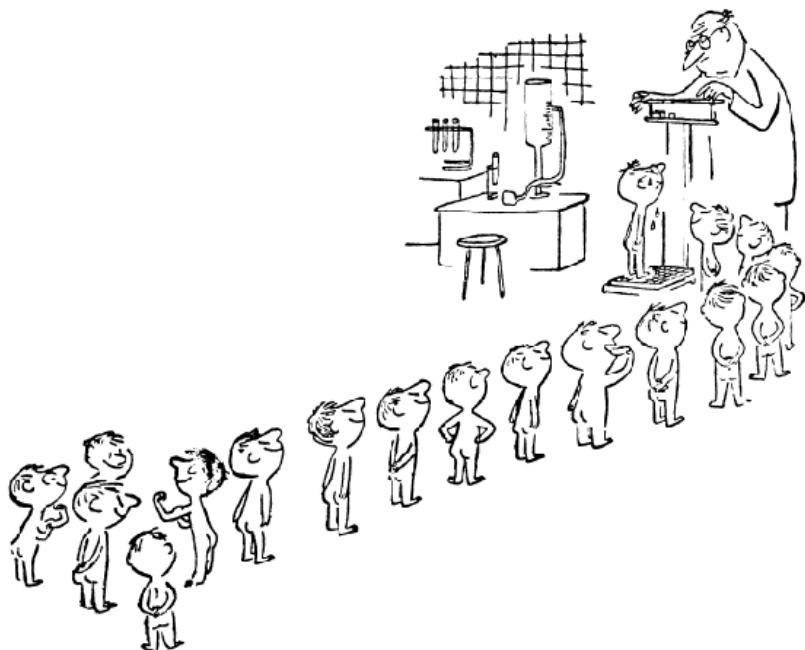
— Bem, os meninos vão passar à sala do lado: o médico vai examiná-los — disse a senhora de branco.

— Não quero deixar a minha mãe! — gritou o Aniano, que já só tinha os óculos postos.

— Bom — disse a senhora de branco —, a senhora pode entrar com ele, mas veja lá se o acalma.

— Ah! Perdão! — disse a mãe do Clotário. — Se essa senhora pode entrar com o filho, não sei porque é que eu não posso entrar com o meu!

— E eu? Eu quero que o Alberto venha comigo! — gritou o Godofredo.



— Tu... tu és mas é maluco! — disse o Eudes.

— Repete lá — disse o Godofredo, e o Eudes deu-lhe um murro no nariz.

— Alberto! — gritou o Godofredo, e o motorista veio a correr, ao mesmo tempo que o médico.

— É incrível! — disse o médico. — Há cinco minutos havia um que estava doente, agora há um que está a deitar sangue pelo nariz; isto não é uma enfermaria, é um campo de batalha!

— Oh! Sim! — disse o Alberto. — Eu sou o responsável por esta criança, da mesma maneira que o sou pelo carro. Gostaria de levar os dois ao meu patrão sem nenhuma arranhadela. Entendido?

O médico olhou para o Alberto, abriu a boca, fechou-a e mandou-nos entrar para o consultório, com a mãe do Aniano.

O médico começou por nos pesar.

— Vá — disse o médico —, tu primeiro. — E apontou para o Alceste, que pediu que o deixassem acabar o seu pãozinho com chocolate, uma vez que ele não tinha algibeiras para o guardar. O médico suspirou, e depois mandou-me subir para a balança e ralhou com o Joaquim, que pôs o pé para eu ficar mais pesado. O Aniano não se queria pesar, mas a mãe prometeu-lhe imensos presentes, então o Aniano foi a tremer para a balança, e, quando acabou, atirou-se para os braços da mãe a chorar. O Rufus e o Clotário quiseram pesar-se ao mesmo tempo, para brincar, e enquanto o médico estava ocupado a ralar-lhes, o Godofredo deu um pontapé no Eudes para se vingar do murro no nariz. O médico ficou furioso, disse que já bastava, que, se continuássemos a fazer macaquices, dava-nos um purgante a todos e que devia era ser advogado, como o pai lhe tinha aconselhado. Depois o médico mandou-nos

mostrar a língua e ouviu-nos no peito com um aparelho e mandou-nos tossir e ralar com o Alceste por causa das migalhas.

De seguida, o médico mandou-nos sentar numa mesa, deu-nos papel e lápis e disse-nos:

— Meus meninos, desenhem o que quiserem, mas previno-os de que o primeiro que fizer macaquices leva um açoite de que nunca mais se esquecerá!

— Experimente; eu chamo o Alberto! — gritou o Godofredo.

— Desenhe — gritou o médico.



Pusemo-nos ao trabalho. Eu desenhei um bolo de chocolate; o Alceste um guisado à moda de Toulouse. Foi o que ele me disse, porque, à primeira vista, não se percebe. O Aniano desenhou o mapa da França com as províncias e as capitais; o Eudes e o Maixent desenharam um *cowboy* a cavalo; o Godofredo desenhou um castelo com montes de automóveis à volta e escreveu: «A minha casa»; o Clotário não desenhou nada porque disse que não tinha sido avisado e não tinha nada preparado. O Rufus desenhou o Aniano todo nu e escreveu: «O Aniano é um mariquinhas.» O Aniano viu e começou a chorar, e o Eudes gritou:

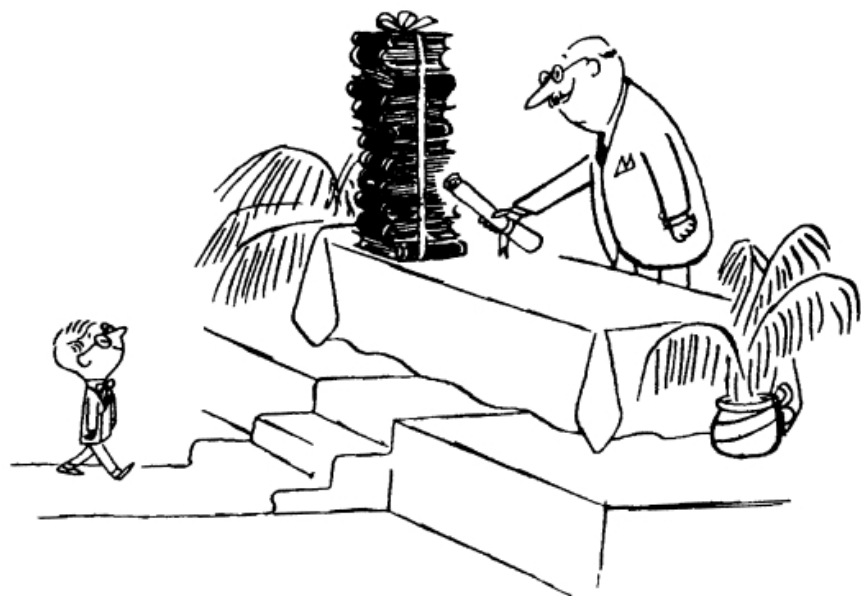
— Senhor! O Maixent copiou!

Era divertido; falámos, brincámos, o Aniano chorou, o Eudes e o Maixent andavam à pancada, e depois apareceram as mães com o Alberto.

Quando fomos embora, o médico ficou sentado em cima da mesa, sem dizer nada e a dar grandes suspiros. A senhora de branco levou-lhe um copo com água e comprimidos, e o médico ficou a desenhar pistolas.

O médico é maluco!



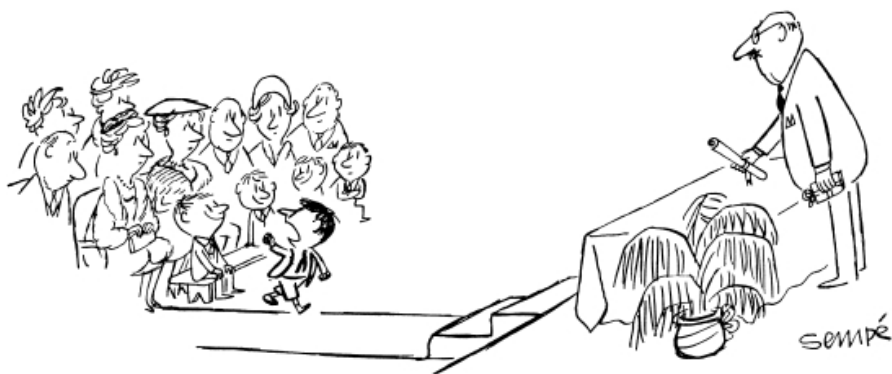




A entrega dos prêmios

O director disse que nos via partir com muita emoção e que tinha a certeza de que nós partilhávamos a mesma emoção e que nos desejava umas boas férias, porque, quando as aulas recommçassem, acabava-se a brincadeira e era preciso estudar muito, e assim terminou a entrega dos prêmios.

Foi uma entrega de prêmios muito engraçada. Chegámos à escola de manhã com os nossos pais e as nossas mães, que nos vestiram como se fôssemos bonecos. Vestíamos fatos azuis, camisas brancas de um tecido que brilha, como a gravata vermelha e verde do papá que a mamã lhe comprou e que o papá não usa para não sujar. O Aniano — ele é mesmo maluco — levava luvas brancas, o que nos fez rir a todos, todos menos o Rufus, que nos disse que o pai, que é agente da polícia, usa muitas vezes luvas brancas e que isso não tem nada de esquisito. Tínhamos também o cabelo colado à cabeça (eu tinha um redemoinho) e as orelhas lavadas e as unhas cortadas. Estávamos incríveis.



Aguardámos a entrega dos prêmios com impaciência, os meus amigos e eu. Não estávamos impacientes por causa dos prêmios, mas porque, depois da entrega dos prêmios, não teríamos mais escola e começavam as férias. Há já muitos dias que eu, em casa, tenho andado a perguntar ao papá se falta muito tempo para as férias e se eu tenho mesmo de ir até ao último dia de aulas à escola, porque eu tenho amigos que já não vão mais, o que não é justo, e que de qualquer maneira já não fazemos nada na escola e que eu estou muito cansado, e eu, então, choro, e o papá diz-me para eu me calar e que eu o ponho maluco.

Houve prêmios para toda a gente. O Aniano, que é o melhor da aula e que é o menino querido da professora, teve o prémio de Aritmética, o prémio de

História, o prémio de Geografia, o prémio de Gramática, o prémio de Ortografia, o prémio de Ciências e o prémio de Comportamento. O Aniano é maluco. O Eudes, que é muito forte e que gosta muito de dar murros no nariz dos colegas, teve o prémio de Ginástica. O Alceste, um rapaz gordo que está sempre a comer, teve o prémio de Assiduidade; isto quer dizer que ele vem sempre à escola e que merece este prémio, porque a mãe não o quer na cozinha, e, se não é para ficar na cozinha, então o Alceste vai para a escola. O Godofredo, aquele que tem um pai muito rico, que lhe compra tudo o que ele quer, teve o prémio de Elegância, porque ele anda sempre muito bem vestido. Há vezes em que vem para a escola vestido de *cowboy*, de marciano e de mosqueteiro; fica mesmo engraçado. O Rufus teve o prémio de Desenho, porque ele teve uma grande caixa de lápis de cor no dia dos anos. O Clotário, que é o pior da sala, teve o prémio de Camaradagem, e eu, eu tive o prémio de Eloquência. O meu papá ficou muito contente, mas ficou com um ar um pouco desiludido quando a professora lhe explicou que o que em mim premiavam não era a qualidade, mas a quantidade. Tenho de perguntar ao papá o que é que isto quer dizer.



A professora também teve prémios. Cada um de nós levou-lhe uma prenda que os nossos pais e as nossas mães tinham comprado. A professora teve catorze canetas e oito caixas de pó de arroz. Ela estava muito contente; disse que nunca tinha tido tantas prendas, nem mesmo nos outros anos. E depois a professora abraçou-nos e disse que devíamos fazer o trabalho de férias, ser ajuizados, obedecer aos nossos pais e às nossas mães, descansarmos, mandar-lhe postais, e, a seguir, ela foi-se embora. Saímos todos da escola e, no passeio, os pais e as mães começaram a conversar uns com os outros. Diziam imensas coisas como: «O seu filho trabalhou bastante», e: «O meu filho esteve doente», e também: «O nosso filho é preguiçoso, é pena, porque ele tem muita facilidade», e ainda: «Eu quando tinha a idade deste miúdo era sempre o primeiro, mas agora as crianças não querem saber da escola; é por causa da televisão.» E depois faziam-nos festinhas, davam-nos pequenas pancadas na

cabeça e limpavam as mãos por causa da brilhantina.

Toda a gente olhava para o Aniano, que trazia nos braços montes de livros dos prêmios e uma coroa de louros à volta da cabeça; o diretor já lhe tinha dito para ele não dormir em cima dela, porque os louros tinham de servir para o próximo ano e que não os devia amachucar; é um pouco como quando a mamã me pede para não andar em cima das begónias. O pai do Godofredo ofereceu uns cigarros muito grandes aos outros pais, que os guardaram para mais tarde, e as mães riam muito ao contarem o que nós tínhamos feito durante o ano, o que nos espantou, porque, nessa altura, as mães não acharam piada nenhuma e por vezes até nos deram algumas bofetadas.

Os meus amigos e eu falámos de coisas fabulosas que íamos fazer nas férias, mas ficou tudo estragado quando o Clotário disse que ia salvar pessoas que se estivessem a afogar, como tinha feito no ano passado. Eu disse-lhe que ele era um mentiroso, porque eu tinha visto o Clotário na piscina: ele não sabe nadar, por isso, não pode salvar ninguém. Então, o Clotário deu-me com o livro que tinha recebido como prémio de camaradagem, na cabeça. O que fez o Rufus começar a rir; então, eu dei-lhe uma bofetada, e ele começou a chorar e a dar pontapés ao Eudes.

Começámos a empurrarmo-nos uns aos outros, divertíamo-nos imenso, mas os pais e as mães vieram a correr, agarraram nas nossas mãos e disseram que éramos incorrigíveis e que era uma vergonha. E depois os pais e as mães pegaram na criança que lhes pertencia e toda a gente se foi embora.

A caminho de casa, eu pensava que ainda bem que a escola tinha acabado, que agora não ia ter mais aulas, mais trabalhos de casa, mais castigos, mais recreios, e que, durante montes de meses, eu não ia ver mais os meus amigos, que não íamos fazer mais macaquices juntos e que eu me ia sentir muito só.

— Então, Nicolau — disse o papá. — Não dizes nada? Até que enfim chegaram essas famosas férias!

Então, eu desatei a chorar e o papá disse que eu o ia pôr maluco.

